

PORTUGAL



ORGÃO DOS ESTUDANTES REPUBLICANOS

NUMERO AVULSO, 10 RÉIS

1.º anno

Coimbra, 13 de junho de 1896

Numero 8

Morra a Inglaterra!

ABAIXO OS BRAGANÇAS!

ABAIXO A ALLIANÇA INGLEZA!

VIVA A PATRIA!

1890-1896

Quando em 11 de Janeiro de 1890 a Inglaterra presenteou o governo de el-rei D. Carlos com um miseravel **ultimatum**, conspurcando a Honra nacional, o Povo levantou-se, audacioso e energico, a secundar as academias do Paiz, que numa hora vibrante de patriotismo e valentia bradavam:

Morra a Inglaterra! Abaixo os Braganças! Abaixo a alliança Ingleza! Viva a Patria!

Parecia o acordar de um Povo para a Revolta, o espertar dum Paiz para a Emancipação.

Contudo, a *révanche* tornou-se utopia, os braganças não cahiram, a alliança ingleza mais se estreitou e, a Patria continúa á mercê de bandoleiros, infamemente trahida, nas mãos de aventureiros, insolitamente vilipendiada.

É que ninguem soube aproveitar aquella hora de colera e altivez, em que o Povo, amotinado, pedia **Justiça!** exigia **Vingança!**

A tempestade passou breve e, ás ordens da Inglaterra, a repressão desenrolou-se.

O rei e os seus ministros, lacaios humildes da rainha Victoria; o rei e os seus ministros, serventuários torpes da Inglaterra—desde 11 de Janeiro de 1890 que tem rojado a bandeira nacional pelos degraus humilhantes da mais abominavel vergonha.

O Paiz está deshonrado. A Nação está roubada. O Povo tem fome.

E todos conhecem a causa dos nossos males—**a monarchia**; a causa da nossa deshonra—**a traição do rei e dos seus ministros**.

Todos conhecem—é verdade, mas ninguem se revolta.

E' que a tempestade passou breve e, ás ordens da Inglaterra, a repressão desenrolou-se.

Infelizmente, para a Patria, o povo portuguez não attingiu a tensão maxima, quando do **ultimatum**.

No logar de estilhaçar um throno—quebrou taboletas. Gritou **Morra a Inglaterra**—foi acutilado pela policia. Gritou **Abaixo os braganças**, traidores de raça, di-lo a Historia, para no dia seguinte se deixar arrastar para a ignominia, pelos *devaneios* de um toireiro e fraudulencias de **Ernesto Rodolpho Hintze Ribeiro**, o mais infame dos traidores.

E é portuguez d'origem esse malvado que vende a sua Terra nas antecamaras do Paço, á ordem do bragança, á ordem da Inglaterra. E' o traidor do **tratado de 20 de Agosto**, que num paiz de patriotas teria obtido a justa recompensa nas emfincias de um candieiro. E' o villão que mandou prender e acutilar o Povo, que indignado, protestava contra a monarchia e contra a Inglaterra. Traidor, cuja vida se assignala por feitos reveladores do mais desenfreado cynismo.

Ainda ninguem esqueceu os crimes praticados nos dias seguintes ao **ultimatum**. Homens e factos estão gravados na memoria dos que, friamente, esperam a desforra tarde ou cedo.

Por enquanto, insultem-se os homens e relembrem-se os factos:

Dissolução da Associação da Academia de Lisboa.

Proibição do comício e das manifestações contra a Inglaterra, em 11 de fevereiro. Prisão arbitraria dos drs. Manuel d'Arriaga e Jacintho Nunes.

Proibição do cortejo civico aos tumulos de Vasco da Gama e Luiz de Camões, em 2 de março.

Dissolução da Camara Municipal de Lisboa em 11 de março, por ter ousado concorrer com 100 contos para a Subscrição Nacional.

Decretos dictatoriaes contra a imprensa e contra a liberdade de reunião e de associação, em 7 de abril.

Perseguições continuas ao exercito.

Conferencias humilhantes do ministro Hintze com o embaixador inglez.

Tratado de 20 de agosto com a Inglaterra.

Perda de 640:000 kilometros quadrados de territorio na provincia de Moçambique.

Livre navegação dos rios africanos, e, sobre encargos onerosissimos e vexatorios, a clausula de que Portugal não poderá ceder os territorios que lhe são reconhecidos sen prévio consentimento da Inglaterra.

Hoje, como então: a Liberdade escarnecida; a Imprensa amordaçada. Impera a Inglaterra, dirigi-nos a policia, o médo é tudo.

Aviltamento ultimo!...

Sis annos de vexames e insultos.

Os mesmos actores e o mesmo scenario.

Sen Liberdade, sem Pão e sem Honra o Povo portuguez tem um caminho a seguir—**A REVOLUÇÃO.**

Que falle a dignidade nacional do alto das barricadas.

Que falle a voz da patria pelo cano das espingardas.

Na hora suprema em que um degradante insulto é dirigido ao Povo, levantem-se a luva. E ao desafio do bragança, trazendo ao Tejo a esquadra ingleza, respondao Povo com a **REVOLUÇÃO.**

Coimbra, Junho de 1896

Os Estudantes Republicanos

A INGLATERRA

O cinica Inglaterra, ó bebedora impudente,
Que tens levado, tu, ao negro e á escravidão?
Chitas e hypocrisia, evangelho e aguardente,
Repartindo por todo o escuro continente
A mortalha de Christo em tanga d'algodão.

Vendes o amor ao metro e a caridade ás jardas,
E trocas o teu Deus a borracha e marfim,
Reduzindo-lhe o lenho a cronhas d'espingardas,
Convertendo-lhe o corpo em polvora e bombardas,
Transformando-lhe o sangue em agua-raz e em gim!

Teus apóstolos vão, prostituta devassa,
Com o fim de levar os negros para o céu,
Desde o Zaire ao Zambeze e desde o Cabo ao Nyassa,
Baptizando a Impiedade em Jordões de cachaça,
Mostrando-lhe o teu Deus na tua hostia — o guinéu!

A honra para ti é inutil bugiganga.
O teu pudor é como um Matabel sem tanga,
Monstruoso ladrão, barbaro traficante;
Compras a alma ao negro a genebra e missanga,
Vendendo-lhe a tua biblia a queixaes de elefante.

A tua biblia! o teu Christo!... A tua biblia é uma agenda
Em que a virtude heroica a cifras se reduz.
E o teu Christo londrino é um Deus de compra e venda,
Deus que resuscitou para abrir uma tenda
De cortiça, carvão, alcohol e panos crus!

Pela estrada da Historia, ó milhafre daninho,
Vae um povo seguindo o seu norte polar,
E tu és o ladrão que lhe sahes ao caminho,
Com a manha do lobo e a coragem do vinho,
A roubar-lhe os aneis para o deixar passar!

Quando espreitas o fraco apontas a clavina,
Quando avistas o forte envergas a libré...
A tua mão ora pede esmola ora assassina...
Teu orgulho, covarde, é, meu Bayard d'esquina,
Como um tigre de rastro e um capacho de pé!

Quando já se desenha em arco d'alliança
A porta triumphal do seculo que vem,
Por onde dez nações marchando atraz da França,
Palmas na mão, cantando um cantico d'esperança
Hão de entrar n'uma nova, ideal Jerusalem;

Quando rompe a alvorada azul do grande dia,
E de longe um clarim frenetico nos chama...
Quando, ao vér no horizonte o esplendor da alleluia,
O colosso de ferro e d'oiro, a Tirannia,
Já começa a baquear sobre os seus pés de lama;

Quando Paris entoa uma epopeia homérica
Com o timbre immortal da sua herculea voz;
Quando, n'uma rajada esplendida e chimerica,
O cyclone de luz que deu volta á America
Vae co'as azas de fogo a perpassar por nós;

Quando da patria emfim o coração fremente
Palpitava n'um sonho encantador de gloria,
A face do universo inteiro, de repente,
Brutalissimamente
Em plena Europa, em pleno dia, em plena Historia,

Qual se fora de noite e em matagal bem denso,
Estrangula-se a um povo heroico o seu porvir,
Rouba-se uma nação como se rouba um lenço,
E vê a luz do sol este attentado immenso,
E fica o monstro impune! e o bandoleiro a rir!

E não estala um ai de dôr em cada peito!
E não submerge o monstro a colera do mar!
E a terra continua em seu giro perfeito!
Ó chimera, ó tristeza, ó Justiça, ó Direito!...
Providencia! onde estás?... que te quero insultar!!

Hão de um dia as nações, como hyenas dementes,
Teu imperio rasgar em feroz convulsão...
E no torvo hallali, dando saltos ardentes,
Com a baba da raiva esfervendo entre os dentes,
A bramir, levará cada qual seu quinhão!

E tu ficarás só na tua ilha normanda
Com teus barões feudaes e teus mendigos nus:
Devorará teu peito um cancro aceso, a Irlanda,
E a tua carne has de vê-la, ó meretriz nefanda,
Lodo amassado em sangue, oiro amassado em pus!

E assim como brutaes monstros de pesadello
Nosoturno porão d'uma nau sem ninguem,
Entre nuvens de fogo e temporaes de gelo,
Debombordo a estibordo a rolar n'um novelo,
Deabando e rugindo, aos montões, n'um vaivem,

Se estrangulam febris, roucos, dilacerantes,
As pupilas a arder em brasas infernaes,
Paiteras contra leões, ursos contra elefantes,
Colras em redemoinho a silvar dardejantes,
Bufalos escornando os tigres e os chacaes;

Assim vós, assim vós, dura raça assassina,
Sobre essa nau de pedra onde o mar vae bater,
Vós estrangulareis n'uma carnificina,
De que só ficará, sob a densa neblina,
N'um pantano de sangue uma Gomorra a arder!

Milhões, milhões, milhões de bocas esfaimadas
Hão de dilacerar-te o corpo com furor,
E a pedra a dinamite e a carne a punhaladas
Hão de tombar no mesmo escombro ensanguentadas,
Em baques de hecatombe e blasfemias de dôr!...

Hão-de os lords rolar em postas no Tamisa!
Ha de o corpo de um rei dar um banquete a um cão!
Teu solo ha de tremer como uma pitonisa,
E a canalha sem lei, sem Deus e sem camisa
Abrirá teu bandulho infecto, ó Deus Milhão!

Bancos, docas, prisões, arsenaes, monumentos,
Tudo rebentará em cacos pelo ar!...
E ao soturno fragor de teus finaes lamentos
Responderão — ladrando! as coleras dos ventos!
Responderão — cuspiendo! os vagalhões do mar!

Guerra Junqueiro.

Não vale a pena

No meio de tudo isto, de tanta infamia, de tanta baixeza, pouco importa se a pena em latego de justiça, venham todos os puros e todos os perseguidos, lavrar nas columnas d'um jornal, um protesto, um desabafo, uma coisa qualquer que emoliente, que suavise as algemas que o governo do rei nos cinge, procurando abafar, dentro em nós, a sede da Justiça que nos anima, o ardor da vingança que nos impelle.

Pouco importa, nada vale até, que os nossos protestos sejam vermelhos e incendiados como uma centelha de tempestade, se a canalha não recua, se os infames não arrefecem no grande ardor de tudo subverter em lama, de tudo perder e enxovalhar l'este mar de baixezas e de indignidades, onde fluctua como um azorrague, a vontade despotica do João Franco e a imbecilidade provada do biro senhor Dom Carlos de Bragança.

Nada vab.
Pois o que é um protesto, uma verrina, um phrase violenta, queimando o papel, em face d'este estranho caso passado em Lisboa — festas por todos os cantos aos salteadores da telha honra portugueza?

Uma vigencia de papel que os dedos nervosos do nevrotico e parlapatão João Franco, podem amarfahar, rasgar, destruir...

Eu sei que á Ideia que n'elle brilha altiva, e indomavel, nada a pode ofuscar: nem perseguições de bandidos, nem grades de prisões. Mas egualmente sei que uma Ideia, por generosa e incontestada que seja, não encontra, geralmente, a sua realisação, nas columnas d'um jornal, nas paginas d'um livro.

O jornal e o livro são precisos e indispensavéis, mas para a sua realisação nos cerebros.

Depois, na ordem material das coisas, não ha jenna que valha uma Kropatchek, neescriptor que valha um combatent.

Deixemo-nos pois de lamentações, de rugido contra os braganças. O melhor é andal-os passear... Inglezes e taganças é tudo o mesmo.

Os braganças são os aliados dos inglezes; os inglezes são os aliados dos braganças.

Ao povo fica apenas o pagamento das despesas.

Quando mandará o povo, pois, alugar o «Algoás»?

Um malandro qualquer deita a seguinte prosa n'um papelucho cá da terra:

«Bom é que tudo vá correndo assim, disputando todos a maneira de ser gentis e amaveis para com os nossos hospedes».

Estes hospedes são os que, em 11 de Janeiro, cuspiram sobre as nossas tradições de valentia e honra, o mais infame dos ultrages.

Paraphraseando, pois:
— Bom é que tudo vá correndo, disputando todos a maneira de ser uteis á Patria, fuzilando, na hora da punição, toda esta malandragem reles!...

— Mas é que o vadio, então, dará vivas á Republica...

— Pois sim, mas como ha ordem de limpeza... terá que dar ás pernas se não quizer que os candieiros tambem sejam amaveis e gentis, para com a sua nojenta pessoa.

SÉGUNDA PAGINA

DA

Administração do Hospital da Universidade

Recebemos este folheto de que é auctor o sr. dr. **Sousa Refoios**, eminente professor e notavel clinico, que todos conhecem pela inflexibilidade do seu caracter e pela grandeza do seu talento.

São 48 paginas vibrantes, que desmascaram alguns dentistas, tarde, talvez, é certo.

Agradecemos a offerta e, obrigados pela falta de espaço, reservamo-nos para o proximo numero.

O padre e o professor

Vem de longe a cantata insulsa de que, para se desenvolver, em a nossa Africa, uma corrente favoravel aos nossos interesses alli, deveriamos ministrar, ao negro, uma educação religiosa em harmonia com as nossas crenças afim de se esta-

belecer uma comunhão de ideias, indispensavel para consolidar as sympathias entre os habitantes indigenas do continente negro e a nossa nação.

A este proposito insere a *Voz Publica* de 7 do corrente um artigo bellamente deduzido, em que rebatendo este preconceito, firmado na opinião d'um dos expedicionarios, o capitão Sarsfield, se diz "daria melhores resultados em vez da catechisação a adultos, absolutamente inconvertiveis a sério, um trabalho de educação mediante o qual o missionario tomaria o preto-creança, para lhe formar o espirito na escola e na officina?"

Somos pela affirmativa com uma simples exclusão. Em vez do missionario, sempre levando na mente um ideal ultra terrestre, a que se não pode subordinar o espirito da epocha, seria muitissimo mais racional que para lá, para os sertões, fosse enviado outro genero de educadores, os professores primarios.

Não formariam devotos, constituiriam cidadãos; não innoculariam no espirito do preto, em substituição do fetichismo grosseiro que constitue o seu culto, os principios do christianismo, pois seria substituir um absurdo por outro absurdo, com a simples differença de, em vez de dirigir em suas adorações para um misero e vil fetiche, erguerem os seus altares em homenagem a um Christo pendente d'uma cruz.

Longe de nós pretendermos levar até ao extremo este confronto.

E' claro que entre o culto fetichista e o christão, entre o seguimento da adoração a um crocodilo sem base de doutrina, simplesmente como satisfação grosseira das necessidades psychicas, e o estabelecimento do culto ao martyr sublime do Golgotha, ha absoluta differença.

Differença absoluta, porquanto uma é o culto em estado primitiva, outra é o ultimo grau d'uma longa evolução religiosa, synthetizado, depois de prolongada elaboração mental, no monotheismo christão.

Se bem que conheçamos aquella demonstração de Fuesbach e a historia do christianismo é, em si propria, a Paixão da Humanidade, não vamos para esse lado, n'este ponto, pois sabemos que as doutrinas nada teem com os erros dos seus adeptos.

Não é por este facto que discordamos da remessa de padres missionarios.

O articulista da *Voz Publica* decerto não duvidará que a educação do preto-creança na escola e na escola dar-nos-hia uma geração de diferentes carolas. Assim como tambem, na escola e na officina nos daria em ponto grande uma officina de S. José. Era necessario que fosse alli o professor primario, isempto dos preconceitos christãos, arrotear o espirito da creança, levantar-lhe a intelligencia, burilar-lhe as faculdades estheticas.

Erguer escolas na Africa, levar lá, os conhecimentos que se ministram aqui, na metropole, embora tivéssemos de lutar com os obstaculos, que sem duvida, seriam levantados pelos reaccionarios, isto é, pelos homens da ignorancia e das trevas.

D'esta maneira, o desaparecimento do culto fetichista seria manifesto, com a grande vantagem de não haver a substituição d'um principio absurdo, por outro egualmente inadmissivel.

A polygamia seria insubsistente e se não intregássemos o negro na corrente europeia, teriamos nós os portuguezes, a grande gloria de crear na Africa uma civilisação nova com absoluta vantagem sobre a europeia, porque daria um novo aspecto á orientação mental d'aquella sociedade, que hoje não merece esse nome.

Isto é, em debate, pois sabemos que não passará n'este regimen de podridão, em que se enlameiam os caracteres e se conspurcam as reputações, á lembrança mais ou menos aproveitavel.

Porto

José DE MACEDO

ARTE & LITTERATURA

VOZ INTERIOR

(De toda a minha alma—a Carlos de Lemos)

Sombra: Mulher: Visão: quem quer que seja
Que me aparece, á hora em que eu desperto,
E que eu conheço, sem que nunca a veja,
Sabendo-a longe de sonhal-a perto!

Uma das minhas Noites deslocada,
Sere phantasma que ahi vaga a esmo
A chimera talvez, talvez o Nada...
Só porque o Nada é um pouco de mim mesmo.

Sua voz, minha voz, a voz do Pranto...
Adelgaça-a, de certo, um labio em frida:
E todo eu me cubro do seu manto
Que é todo em pregas, como a minha vida.

Sombra! Mulher! Visão! tens qualquer coisa
D'aquella a que o destino me atirou,
Do luar que embrulha a alma e embrulha a loisa,
De mim proprio talvez, do que não sou!

E eu sinto-a em toda parte: adormecido,
—Que o somno é a vida: dorme-se a sonhar...—
Ainda seu passo calca o meu ouvido
N'um estranho presagio singular.

E diz-me a sua Voz, tornada calma:
—Vae morrer, vae morrer; é a estranha hora:
Que a ventura só é p'ra os que tem alma
E só tem alma quem n'a deita fóra.

Eu sou o impulso que te arma o braço
P'ra te saber cobarde; o olho espião;
O punhal em que assentas cada passo;
Cada passo dos teus; teu coração!

Sou aquelle phantasma que, uma tarde,
Ao beijo que o teu labio simulara,
Sobre o teu labio te chamei cobarde,
Arrancando-te a mascara da cara.

Eu sou a sombra esquiva que, ainda ha pouco,
Ao ver-te quasi da Ventura á porta,
São que tu eras fiz dizer-te um louco;
Alma robusta, fiz dizert'a morta!

Metade do teu Eu, que é já metade
De ti mesmo, eu quero que em mim vejas
O atomo occasional da Immensidade
Que faz de ti o que és, sem que tu o sejas!

E chamas-me Visão! Teu corpo morto
Sou eu que o galvaniso e a fogo o marco:
Sou eu que accendo o teu olhar absorto,
Como uma estrella a palpitar n'um charco.

E emmudeceu a voz: não me ouvi mais.
E, perdido n'apuella escuridade,
Vi afogar-se n'um diluvio d'ais
Toda esta minha esteril mocidade...

E, em minha mocidade que é perdida,
Em minha vida toda aberta á dôr,
Eu sinto ainda o abraço d'uma vida
Na vida em que se embrulha todo o amor.

Doridas noutes d'agonia a nossa,
Em cada rosto esgazeado a ril-as,
Paizes velhos meu coração roça,
Crimes antigos tremem-me as pupilas.

Rompe o corpo da aurora a noute ardente:
Veste-me a alma um amargor sem fim:
E eu atravesso as ruas longamente,
Olhando a lama p'ra me olhar a mim!

E, cadaver fugido d'uma valla,
A vida por mortalha e sentinella,
Eu sinto-me cobarde de acceital-a,
Porque me vejo sujo de vivel-a!

GUEDES TEIXEIRA

Declaração

Disséram-me que eu era insultado na *Coimbra Medica*.

Agradeço ao redactor o ter-me honrado, incluindo o meu nome na lista das pessoas que insulta, nas columnas d'aquelle jornal.

É, na verdade, uma honra ser-se insultado nas paginas da *Coimbra Medica*, ao lado do dr. Senna, Manuel Bento de Sousa, Sousa Martins, João Jacintho da Silva Corrêa, Daniel de Mattos, Bazilio Freire, Ricardo Jorge, Sousa Refoios e outros medicos que têm honrado a sciencia portugueza.

É uma honra ser-se insultado ao lado do sr. Bispo-Conde, Antonio Augusto Gonçalves, conego Prudencio Garcia, nomes respeitadas, e consagrados por uma vida longa de honestidade, desinteresse e dedicacão por tudo o que é bom e grande.

Agora permitta-me que eu affirme tambem uma vez a minha admiracão pela baixezza de caracter do redactor da *Coimbra Medica*, o meu desprezo pela villezza bem conhecida dos seus sentimentos e intenções. Coimbra, 11 de junho de 1896.

Joaquim Martins Teixeira de Carvalho.

NO CIRCO

Continuando.

No Luiz XI, essa torva figura de traição e de sangue, fallou ás cadeiras vastas o talento de Rossi; e, só no Hamlet, a imbecibilidade do burgo, espicaçada pelos applausos dos poucos que lá tinham ido, se moveu té ao theatro.

Melhor fóra que lá não fossem, tal o desrespeitoso escoucinar que por lá foi.

Se no Rei Lear—e ainda no Othello—o trabalho de Emmanuel se nos affigura notavel, já no Hamlet, talvez por anticipada visão do typo, a sua interpretação nos não contenta.

Hamlet, tal como o nosso espirito se acostumasse a ressuscital-o dos livros, não é uma figura de homem que, na vida, arranca da personalidade da sua desgraça, ou da sua dôr, duvidas que venham marcadas como um cunho de singularidade ou de acaso. A ironia de Hamlet não ri e não fere, pensa e soffre; a sua piedade não lastima, abre perdões; a sua dôr não se queixa, é só uma chaga aberta; o seu amor não deseja, é insexual; o seu odio não mata, é vagamente suicida. Não é um typo de homem, é a mesma figura humana, con todas as

FOLHETIM

ANTONIO JOSÉ D'ALMEIDA

DESAFFRONTA

Conta-se que Roldão, numa batalha épica, ao olhar imavidamente a mole immensa de inimigos, ouvira estas palavras, sahidas da bocca d'um cavalleiro:

—Gamarada! Toca o teu clarim, porque Carlos Magno ha de ouvir e correrá em teu uxilio.

Ao que Roldão, no intervallo de dois golpes, ensanquentado e sacudido, respondera:

—Não farei essa afronta aos brios da minha raça. Voi mas é enfiar a espada no inimigo, até aos copos de ouro.

Ora eu estou muitissimo longe de ser Roldão e muitissimo longe tambem de ter, nestas luctas da imprensa, uma espada com copos de ouro. Mas, assim como sou, não farei a affronta á gente da minha raça de chamar alguem em meu auxilio—á minha raça quer dizer, a essa pequena guarnição d'uma cidadella vencida, em cujas muralhas tive um posto de soldado, a essa pequena, mas grande garação de rebeldes, que foi a familia revolucionaria a que, em Coimbra, pertenci.

Não. Se ella foi tambem calumniada que proteste, se quizer. Assiste-lhe essa faculdade como a mim

suas hesitações de alma e de cerebro:—um coração que pensa, uma intelligencia que soffre.

Olhos fechados para a luz do mundo, coração em ancia para mundos de luz, é Hamlet sempre aquelle cego, que nada vê e tudo soffre, que nada conhece e tudo sabe, e que, por tudo saber, nada deseja.

Assim, dissemos julgar Emmanuel inferior á humana creação do poeta:—deu-nos labios de homem onde quizeramos vêr labios de esphinge.

Augusto Rocha—Tem a palavra Urbino de Freitas.

EXPEDIENTE

Aos nossos presados assignantes das localidades que abaixo mencionamos, para onde não enviámos recibos de cobrança pelo correio, em razão de ser muito diminuto o numero de assignaturas, pedimos que nos satisfacão a importancia do primeiro trimestre:

Aguada, Anadia, Armamar, Arouca, Abrantes, Algarve (Estoy), Amaranthe, Alemtejo (Casa Branca), Bragança, Beja, Barcellos, Beira Baixa (Soalheira), Castro-Marim, Cabeceiras de Basto, Cabanas, Condeixa-Cuba, Castello Branco, Chaves, Carrazeda d'Anciães, Cintra, Estarreja, Estremoz, Famalicão (Anadia), Fafe, Fornos d'Algodres, Fundão, Formoselha (Pereira), Guimarães, Grandola, Gouveia, Galveias, Loulé, Louzada, Lagos, Leça de Palmeira, Luso, Louzã, Mogofores (Anadia), Mealhada, Pampilhosa (Mealhada), Mondim da Beira, Monforte, Moura, Montemor-Novo, Maceira de Cambra, Niza, Oliveira d'Azemeis, Odemira, Penacova, Povoá de Varzim, Pinhel, Passos de Ferreira, Penafiel, Poiares, Regoa, Reguengos, Serpa, Sernancelhe, Silves, Tamengos (Anadia), Tentugal, Taboço, Vouzella, Villa d'Egreja (Sattam), Villa Nova de Gaya, Vidigueira, Villa da Feira, Villa-Meã, Villa Nova de Tasem, Vidago e Vizeu.

Aos nossos assignantes de Coimbra que não tenham recebido com regularidade o *Portugal*, rogamos a fineza de o participarem na administração, rua de Sá Miranda, n.º 36.

Carta do Porto

Meus amigos

S. Jorge levado processionalmente pelas ruas d'esta terra eis o aconteci-

me corre essa obrigação. Mas já que por minha causa ella foi infamada, só por mim procurarei defende-la.

Se tocasse, porém, algum clarim, pedindo soccorro, como não é num desfiladeiro heroico que me encontro, não seria Carlos Magno, bem entendido, quem eu esperaria ver avançar, á redea solta, para dar coragem ao meu animo. Visto estar num terreno bem menos romantico, diria que era o acaso que vinha, solicito e apropositado, declarar, pela penna d'um austriaco, que tinha, por dinheiro, enxovalhado um juramento o homem que urdiu a calunnia vomitada no meu caminho...

Este livro vae contar a historia d'uma pequena lucta, de uma d'essas lutas pequenas e estreitas, em que mal ha espaço para brandir uma espada, mas onde a gente corre o risco de ser apunhalado a um canto.

No frontespicio d'este livro, chamo-lhe uma perseguição. Foi-o, realmente, porque estas coisas não se avaliam pelo prejuizo que causam, mas pela intenção que as domina.

Sendo assim, ninguém deve estranhar que a minha palavra tenha, aqui e alem, rasgos desabridos.

Sou violento, por vezes, sou. Mas que importa! se mais violentos foram elles para commigo. Que importa que a minha prosa estale, indomavel e arrebatada, se elles, tendo a superioridade irre-

mento que alli fez accorrer as massas populares anciosas de observar tudo, quanto as possa distrahir do labor quotidiano, uma lucta com as unicas tre-goas da taberna e da casa de batota, uma revolta constante com as casas de prego, uma romagem ininterrupta ao hospital ou á cadeia. Pelas janellas dependuravam-se sedas e damascos imprimindo-lhe um tom garrido e festivo, no conjuncto, com as damas que d'ellas se debruçavam avidas de olharem o santo, balouçando-se pesadamente, na sella, carunchoso e rhumoso, antes a pedir descanso n'algun canto da sacristia sombria, amaldiçoando tanta festa, tanto repique e quem sabe se o sequito, luzido e galhardo, que se lhe seguia, espadas retinindo pelas calçadas, condecorações rutilando aos raios do sol poente, bigodes frisados, carecas alvas, corceis fogosos relichando e saracoteando-se sob as esporas dos que os montavam, que por seu termo devoravam as janellas em olhares estonteantes, lubricos...

Por ahi se arrastou tudo isso e com magua minha, por ahi andaram tambem os nossos soldados.

E, já agora, a proposito: ao passo que a guarda pretoriana, levava um effectivo de mais de quinhentas praças, infantaria 6 e 18 só conseguiram reunir perto de tresentas.

Rejubile o throno e folguez esses a quem ella serve de pilares solidos sobre que assentam a sua corôa de desvergonhas e crimes, riam esses a quem ella, fiada nos seus municimentos, defende o roubo e auxilia a infamia, e o povo, o povo que se vae postar em filas serradas pelos passeios, esperando a passagem do sangue que vá contemplando e contando as bayonetas que um dia, mais tarde, lhe hão de espadagar o peito, assim que elle se levantar conscio dos seus direitos e impulsionado, quem sabe se pela fome...

Ao menos alguma cousa nos fica das procições; o sabermos com quem nos temos de haver n'esse futuro que desejamos, o sabermos que se reduz os effectivos do exercito em favor da guarda e que enquanto aquelle possui medalhas ganhas nas terras paludosas de Africa, esta se vae adquirindo, esmagando o direito do povo nos tiroteios de 31.

Honrarias que nos cheiram a esturro de consciencia e a podridão de character e que por isso, só desprezo merecem, de ennoçadas que são.

Um alumno da Escola Medica do Porto.

ADVOGADO

Frederico Guilherme Nunes de Carvalho

RUA DA SOPHIA, N.º 56

futavel da posição, andaram á procura de injurias ineditas, para as fundibularem contra o meu peito.

Se elles me discutiram nos actos da minha vida; porque os não hei de discutir nos actos da sua?! Nos actos da sua vida publica, bem entendido.

Aquelles que notarem a feição agreste do meu estylo, quando me atirou para cima com o epitheto de bandido. Uns directamente, pela injuria, chamando-me assassino; outros, com mais cautella, pela adhesão ou pela *condescendencia*; quais todos me aggrederam, ao terminar da minha formatura, como se eu fosse a resurreição, em vermelho, d'algun dos lugubres horcos do assassinato dos lentes, em Condeixa!

Aquella gente quiz-se dar ares de celebre á minha custa. Para poderem exclamar, com uma mão sobre o peito:—“aqui estão os martyres, não trepidaram em estender a outra mão para mim, dizendo:—«alli está o pulha.»

Não será, pois, de mais que eu mostre; sem clemencia, em que consiste a verdadeira celebridade d'esses homens e procure, por todos os meios legitimos, investigar se o braço que me apontou como infame, é honrado ou venal.

Grande coisa, fazer da penna um latego contra elles que me guerreararam por processos nunca vistos.

Isto não são palavras banaes! (Conitua)

ANNUNCIOS

OS CALLOS

Extrahem-se radicalmente com a pomada preparada pelo pharmaceutico

F. A. R. Pereira

Deposito geral: Pharmacia Pereira, Soure, e em Coimbra na Drogaria Rodrigues da Silva & C.^a, rua Ferreira Borges, 28 a 34.

Envia-se pelo correio, franco de porte



Pharmacia do Castello

Premiada em varias exposições
FUNDADA EM 1859



N'este estabelecimento, permanentemente dirigido por pessoa habilitada, encontra o publico o mais completo sortido de productos chimicos e pharmaceuticos, instrumentos cirurgicos, artigos de penso, algalias, mamadeiras, seringas de todos os sistemas e applicações, meias elasticas, irrigadores de Esmarch, Egusier, etc., etc., stetoscopios, pulverisadores, forceps, aguas minerais nacionaes e estrangeiras, etc.

Tomam-se quaesquer encomendas de Franca ou Allemanha mediante commissão.

Aviam-se formulas homeopathicas.

CAMILLO & COSTA

Largo do Castello—COIMBRA

DEPOSITO DE BANDEIRAS

E DE

Todos os artigos para ornamentações de festejos

SERIO VEIGA

COIMBRA

66—RUA DA SOPHIA—68

Neste deposito, o primeiro no seu genero n'esta cidade, encontra-se para alugar um grande sortimento de bandeiras de diferentes tamanhos e gostos, assim como: arcos, columnas, pedestaes, postes, estatuas em tamanho natural, vasos escudetes, escudos, floreas, lanternas de vidro branco e de outras cores, balões venezianos, balões á crivas, balões de movimento, etc.

COPIOGRAPHOS

para reproducções de manuscritos, circulares, avisos, preços correntes, sobentaa, etc., etc.
Garanto-se 50 copias.

SERIO VEIGA—Sophia—COIMBRA

Unico estabelecimento

EM

COIMBRA
NO CENERO

43, RUA DA SOPHIA, 45

Pianos, Bicycletes, Machinas de costura, artigos electricos, etc, etc.

Vendas a prompto pagamento e a prestações.

Correspondente de emigração para todos os estados da Republica do Brazil.

Passagens gratuitas.

A. S. DE CARVALHO

43, Rua da Sophia, 45

COIMBRA

NOVIDADES

Bilhetes postaes illustrados

PREÇO DE CADA UM, 10 REIS

Photographias do bohemio Augusto Hylario, a 300 e 600 réis.

O QUE É SER SOCIALISTA

PREÇO, 50 REIS

Na loja de

ALBERTO VIANNA

Largo da Sé Velha

COIMBRA

Julião A. d'Almeida & C.^a

20—Rua de Sargento Mór—24

COIMBRA

Neste antigo estabelecimento cobrem-se guarda-soes, com boas sedas de fabrico portuguez. Preços os mais baratos.

Tambem teem lâminhas finas e outras fazendas para coberturas baratas.

Receberam ultimamente um sortido de sarja de seda de varias cores, para guarda-soes e sombrinhas de senhoras.

O que ha de mais chic.

OFFICINA

DE

Bernardino d'Almeida Coelho

VIZEU

N'esta officina, onde se fazem e concertam carros com toda a perfeição e por preços sem rival, estão á venda os seguintes carros:

Um *phaeton*, pintado e estofado, podendo ser para um ou dois cavallos.

Um *dogcar* de caça de 4 rodas, para um cavallo.

Um *break* montado em meias molas e comportando 12 pessoas.

Grande Livraria

Portuguesa e Estrangeira

DE

MANUEL DE ALMEIDA CABRAL

163, Rua da Calçada, 165—COIMBRA

Livros em todos os idiomas.
Expedições rapidas.

Antonio Ambrosio

COIMBRA

6, Adro de Cima (a S. Bartholomeu), 7

Bandeiras para cordas e paus, de diferentes tamanhos; ditas com galhardetes e outros ornatos, tambem de diferentes tamanhos.

Grande variedade de balões venezianos, copos de côr, lanternas e escudos, que tudo aluga por preços commodos.

Este estabelecimento, o mais antigo n'este genero, foi o que forneceu a ornamentação para os festejos de Camões.

BALÕES AEROSTATOS



Fabricam-se de diferentes gostos, com lindas e variadissimas cores, para fazer subir em arraias, medindo de 0^m.90 até 6^m.0, regulando os seus preços de 40 a 600 réis.

SERIO VEIGA—Sophia—COIMBRA

BIBLIOTHECA INTERNACIONAL

Collecção de obras primas de todas as litteraturas, antigas e modernas

Acaba de apparecer o 3.^o volume: CARTAS AMOROSAS d'uma religiosa portugueza, traducção de Filinto Elysio.—1.^o vol.—João de Deus—Poesias. 2.^o vol.—Fialho d'Almeida—Madona do campo santo.

Preço de cada volume cuidadosamente impresso em bom papel com o retrato do auctor—100 réis.

Successivamente serão publicados volumes de: Dr. Theophilo Braga, Gabriele d'Annunzio, Emile Zola, Eça de Queiroz, Balzac, etc., etc.

Para assignar basta enviar o nome e morada a

LIVRARIA MODERNA—Coimbra.

A cobrança será feita pelo correio, por series de 5 volumes.

ANTIGA DROGARIA AREOSA

José Figueiredo & C.^a

25, Montarroi, 33

COIMBRA

Deposito da sociedade de perfumarias hygienicas e antisepticas de Bordeaux das do Dr. Bousset, e da Empreza das Aguas Mineró-Medicinaes de Entre-os-Rios.

Artigos para Photographia. Chapas allemãs, francezas e inglezas. Cartões, papel preparado e mais productos proprios para a photographia.

Fornecimentos para Pharmacia. Productos chimicos e especialidades pharmaceuticas das melhores procedencias. Perfumarias de diferentes qualidades.

Cimentos inglezes, de diferentes marcas garantidas.

Sulfo de cobre para as vinhas, garantido a 99 %.

Preços rsumidos. Vendas por junto e a retalho.

LIVRARIA MODERNA

Augusto d'Oliveira

L. do Principe D. Carlos, 19 a 25

COIMBRA

Grande sortimento de livros de educação e ensino primario e secundario.

Satisfazem-se no minimo prazo possivel todas as encomendas dos livros que não haja em deposito.

Correspondencia com todos os centros litterarios estrangeiros.

Assignaturas para todos os jornaes e revistas ao preço de 240 réis o franco.

Resposta a toda a correspondencia na volta do correio.

Fornecem se catalogos de livros de todas as especialidades a quem os requisite.

EM PUBLICAÇÃO

REVISTA BIBLIOGRAPHICA, catalogo mensal annunciando tudo o que de novo appareça no mundo litterario.

Distribuição gratis a todas as pessoas que nos honrarem com as suas compras.

PORTUGAL

Orgão dos estudantes republicanos

Redacção e administração

RUA DE SÁ DE MIRANDA, 36

COIMBRA

ASSIGNATURAS

(PAGAMENTO ADIANTADO)

Trimestre 150 réis
Semestre 300 »
Anno 600 »

Publicações e annuncios

(PREÇOS)

1.^a pagina, por linha 400 réis
2.^a » » » 200 »
3.^a » » » 60 »
4.^a » » » 20 »

Os senhores assignantes tem abatimento de 50 %.

Publicam-se, gratis, todas as communicações de interesse geral, que nos sejam fornecidas.

Communicados de interesse particular e annuncios permanentes, contracto especial.

Não se restituem os autographos, sejam ou não publicados.

EDITOR—J. M. S. Nazareth

Typ. e Lit. Minerva Central—Rua da Sophia—COIMBRA

AGENCIA DE NEGOCIOS UNIVERSITARIOS A. DE PAULA E SILVA

2—RUA DO INFANTE D. AUGUSTO—4

COIMBRA

N'esta já conhecida AGENCIA, fundada em 1893, tratam-se quaesquer negocios dependentes da Universidade, incumbindo-se tambem de obter Cartas de Doutor, de Licenceado, de Bacharel, de Formatura, de Pharmacia, etc.

Para esclarecimentos dirigir a correspondencia a

A. de Paula e Silva

COIMBRA

PORTUGAL



ORGÃO DOS ESTUDANTES REPUBLICANOS

NUMERO AVULSO, 10 RÉIS

1.º anno

Coimbra, 27 de junho de 1896

Numero 9

LUCTA LEGAL

O calor aperta. A sancta e pacata gente portugueza faz as malas e a veranear começa por praias e thermas deste abençoado torrão. Simultaneamente, o governo de el-rei, veraneando pela carta constitucional, pratica os maiores crimes, os mais extraordinarios attentados á liberdade e á bolça. Tudo á mercê de meia duzia de indignos...

E ninguém protesta, ou antes, o protesto é por tal modo sordido que melhor fóra, por decoro proprio, que o não fizessem.

Um povo roto, sem liberdade, faminto contempla estarrecido o desabar da sua nacionalidade, sem um rugido de colera, sem a unção da revolta.

Imagine-se: no momento em que os bandoleiros do rei esmagam a imprensa, roubam o thesouro, vendem e cedem as colonias, ultrajam o povo, —essa imprensa esmagada e esse povo ultrajado não tem brados de revolta, não ha um rumor de agitação. Um ou outro grito isolado, alarido que a policia abafa, maldição que a lei prevê.

E' por isso que o governo é forte.

Aos attentados do poder, ás injurias da monarchia não se levantam barricadas, não se faz uma revolução... Ergue-se o espantinho da *Lucta Legal* — com comícios de rethorica avariadissima e manifestos em papel barato; alça-se a resistencia, dentro da lei, em nome da ordem, em nome da prudencia.

A *Lucta Legal* é o unico meio de protesto que os homens da nossa terra encontram para resistir a um governo illegalissimo.

O maximo da covardia, se porventura não é o maximo da pouca vergonha.

Estamos ainda tão longe do bom caminho, que do Porto surge, presentemente, a proposta do côrte de relações com as *Novidades*.

Estamos ainda tão longe do bom caminho, que a imprensa de Lisboa acaba de lançar ao Paiz um protesto vergonhoso contra as prepotencias do rei e dos seus aulicos, conjuncto torpe de sicários da Patria.

E todos sabem que o Navarro é um gatuno a quem não se deve estender a mão, todos sabem que de manifestos e de lérias o paiz está farto.

Digam senhores que tem medo e que desejam passar as férias com a familia.

Lucta Legal? isso é uma mentira com que pretendem encobrir a sua cobardia, é a malvadez e

o cynismo com pertencões a resistencia hypocrita.

Se não tem coragem para dizer ao Povo que aperte o casaco porque lhe roubam o relógio e agarre da clavina porque o deshonram — mettam-se em casa e não protestem.

Ordem! gritam os senhores *ainda não chegou o momento* quando é certo que a desordem é a norma dos governos da monarchia, a ladroeira e a traição o seu lemma.

O caminho é diferente, sabem-no todos.

Que o povo o siga e dispense os guias.

A' illegalidade do poder é preciso oppôr a legalidade da Revolução.

Marreiros Netto

Na terça-feira fez acto do 5.º anno juridico este nosso querido amigo e intransigente companheiro de lucta.

Formou-se o Marreiros. Vae partir para as inclemencias da vida prática um dos poucos homens de talento e caracter da actual geração academica, avultado e egoista.

Apezar de a sua partida representar uma vaga, difficilmente preenchida, em o grupo republicano, consola-nos, porém, o facto de Marreiros Netto ir engrossar a phalange revolucionaria dos homens que se não vendem, com a austeridade de um bello character, com o valor de um são talento.

Cinco annos de vida academica provaram a sua intelligencia, o seu character da velha e rija tempera portugueza, a sua lealdade e dedicacão pelas coisas da Academia, que os rapazes de hoje, menos idealistas e sem a altivez caracteristica das gerações que passaram, classificam de *velharias*.

Realmente, é uma *velharia* ser honrado n'um paiz de malandros.

A academia de Coimbra deve a Marreiros Netto assignalados serviços; salvou-a de grandes *fiascos* e com o seu trabalho e boa vontade conseguiu a academia de hoje, decrépita e exauctorada, ter algumas horas de brilho, alguns lampejos de gloria.

Foi um meteoro que passou.

Agora, que elle vae partir, n'esta hora de saudade, que a sua modestia nos permita aponta-lo áquelles que confiam na salvacão da patria pela Revolução. N'esta hora de saudade, um abraço apenas, para mais tarde relembrarmos os seus serviços á causa da Republica, á causa sancta da Revolução.

Um abraço ao companheiro querido que nas luctas academicas, dentro e fóra da Universidade, conquistou ao inimigo os ultimos redutos.

Que não affrouxe na causa que nos uniu, continuando victorioso, é o nosso voto ardente.

Já tomou posse do lugar de governador civil deste districto o nobre sr. visconde do Banho.

Sua excellencia veio a propósito: O calor é ardente e esta gente cheira a *sovaquinho*...

Oxalá que se lavem...

Arnaldo Bigotte

Fez acto de 5.º anno juridico, ficando plenamente approvado, este nosso querido amigo e correccionario.

E' mais um que parte, é mais um que deixa as fileiras do grupo republicano academico, em que sempre militou com tanta dedicacão e intelligencia, aliada a um bello character. Deixa de pertencer a esse grupo, porque concluiu a sua carreira, mas vae enfiar-se ao lado d'aquelle que, abandonando a Universidade, tem continuado a afirmar, por essas terras do paiz, as suas ideias republicanas, sempre intransigentes, sempre honestas.

Com estes, e, por consequencia, com Arnaldo Bigotte poderá o partido republicano contar num dia em que seja preciso fazer um supremo esforço e com estes estarão todos os estudantes republicanos, levados sempre pelas mesmas generosas ideias.

A Arnaldo Bigotte, pois, em nome dos estudantes republicanos um estreito abraço de despedida, com a esperanca de ainda nos encontrarmos unidos, combatendo sempre pela implantação da Republica em Portugal.

A tremer de susto e a babar-se o grande ladrão Emygdio Navarro ronca, em as *Novidades*, d'esta maneira:

Faz-se o balanço de toda a nossa imprensa politica, pelo numero dos jornaes, e pelas respectivas tiragens: a imprensa revolucionaria, a imprensa demolidora representa uma enorme superioridade de combate. Não exaggeramos. Temos de o confessar por nós proprios.

Tem razão o famoso mariola. O numero de jornaes republicanos é grande, enorme até. Nótem, porém, que o numero de candieiros ainda é maior.

Olá! e cordas não faltam...

O governo de el-rei D. Carlos de Saxe Coburgo Gotha, bisneto illustre de D. João VI e sobrinho respoiteado da rainha Victoria, vae contratar com a Inglaterra a realisacão dos melhoramentos no porto de Lourenço Marques.

Dia a dia, novos insultos são dirigidos ao povo pela Inglaterra e pela monarchia, sua fiel aliada.

A monarchia trahiu-nos. Todavia, para os traidores costumam os povos, em horas de Justica, erguer patibulos.

Vamos a vêr o que fazem os descendentes de Vasco da Gama, Albuquerque e outros...

Vamos a vêr... e a esperar.

Regressou da India o mano do sr. D. Carlos I.

São innumeraveis os feitos gloriosos, para a nossa bandeira, praticados pelo sr. D. Affonso, em terras de Asia.

A patria tem muito a agradecer-lhe pelo lustre que deu ao throno do sr. seu mano.

Ainda bem que a tradicional valentia da *vara* de bragança não foi abalada... pelo inclito principe.

Carta de namoro das «Novidades»:

«A gentilissima soberana travava uma elegante *toilette* de *foulard* claro com ramagens e chapen com flores vermelhas» etc.

O ladrão do Navarro tem todos os vicios... até libidinoso.

É decidir

At desequilibrio intellectual e moral desde ha muito manifestado em todos os actos governativos, tem-se vindo ultimamente adjungido e tomando largas e fundas raizes o pernicioso systema das — medidas de força.

Arranco talvez ultimo d'uma monarchia que não soube salvar os seus interesses, defendendo os da nação e velando cuidadosamente pelos seus brios e pela sua honra, á mercê do poder executivo tem andado e anda agora a liberdade dos cidadãos, sem que quasi da parte d'estes se ergam altos gritos de protesto ou uma repressão séria, digna, efficaz.

Dir-se-hia que todos, por demais afeitos á mortalha da deshonra e da ignominia, de boa cara e com o mais fervente desejo aguardamos o momento decisivo em que, despidendo-nos dos ultimos redditos, nos mettam adentro de casa a administração estrangeira, como esperanca unica d'uma rehabilitação futura. Indifferentismo condemnavel ou inconsciencia lastimosa, o certo é que *ao Deus dar* deixamos correr os mais altos interesses da nação e as mais indispensaveis affirmacões da hombridade do nosso character.

Lá fóra roubam-nos, metem-nos, enxovalham-nos, cospem-nos; e nós, como se fôssemos pequena a affronta, de boamente consentimos ainda que os que estão á frente do paiz recalciem em estultas repressões de força o preço da nossa ignominia e da nossa exploracão.

Covardes ou bons, costumamos, em prol d'uma má comprehendida hospitalidade, receber de braços abertos não só aquelles que hontem nos expoliaram, mas ainda os que, conscios da nossa desmoralisacão e pouco valimento, lançaram á lama das ruas o prestigio do nosso nome e da nossa dignidade.

Pouco a pouco, n'uma modorrice que chega a ser um crime, deixamos ir pela agua abaixo, como corpo hediondo e pestifero, todas as nossas regalias, todas as nossas liberdades, desde o direito sagrado de dizermos em publico tudo o que pensarmos e sentirmos sobre os destinos da patria até ao de escrevermos, no remanso dos nossos gabinetes, as accusacões mais justas, embora as mais duras, contra os que, por malevolencia ou por interesse, nos levaram a este desgraçadissimo estado de coisas.

Os governos, como criminosos, reagem; e o povo, mais ou menos innocente, permite que os seus protestos ou as suas revoltas sejam apagadas pelo estolido traço d'um simples esbirro da policia ou abafados em sangue pelos espadanhões da municipal!

Em nome d'uma desaproveitada e, pelo visto, escusada lei de salvacão publica, consentiram todos em que os seus rendimentos fossem ceceados; mas nem porisso se levantaram, quando viram que o que lhes tiravam era para ser esbanjado em proveito d'alguns apaniguados ou gasto em favor do engrossamento das hostes municipaes, esperanca e esteio das instituicões.

Em segredo, accusa-se a monarchia como unica culpada do tremendo cahos a que chegamos; mas, em nome d'um pretendido bem-estar, protela-se indefinidamente a aurora desse dia, que, desannuviando o céu da patria, seria tambem o unico

capaz de trazer-nos a felicidade que almejamos e as liberdades, por que devemos lutar.

Filhos d'uma raça d'heróes, melhor é para os brios e feitos desses mortos queridos que, de golpe, nos afundemos, ou então que, conscios do nosso valor historico, saibamos afirmar, pela Revolução, o direito da nossa independencia.

Assim, reduzidos a simples manequins nas mãos dos estultos e impuros governantes, que aos nossos direitos, altiva e desdenhosamente, contrapõem a força d'um juiz Veiga ou d'um major Graça... isso nunca.

Mais coherencia e mais tino, ao menos. Toda a covardia, para a morte: ou todo o valor, para a Revolução.

E, infelizmente, não ha muito tempo para pensar...

Parace que os directores da Sociedade Philantropica do lyceu d'esta cidade vão conferir o diploma de presidente honorario, da mesma associacão, a sua alteza o principe da Beira.

Assim pretendem agradecer a *gentileza* do magnanimo principe, transgredindo os Estatutos e apezar do protesto solemne da maioria dos associados. Achamos justa e merecida a honra que vão conceder ao filho illustre do grande rei D. Carlos de Bragança. Contudo, permittam-nos a lembrança: como está proxima a feira de S. Bartholomeu poderia a calorada enviar-lhe, juntamente com o diploma, um *berimbau*, que certamente seria mais apreciado do que a pessima redacção do famoso documento, que sua alteza difficilmente poderá soletrar...

Não pedem tambem perdão de exame?...

Pobres idiotas!

DECRETO IMPORTANTE

Attendendo ao que me foi representado pelos ministros;

Attendendo ás relações de amizade que existem entre o meu povo e a Inglaterra;

Attendendo que de uma maneira honrosa o povo portuguez deve corresponder á generosidade, cordealidade e deferencia com que tem sido tratado pela Inglaterra;

Attendendo ás vantagens resultantes para o meu commercio, para a minha industria e minhas artes correlativas;

Hei por bem decretar o seguinte: Art.º 1—E' abolida a lingua portugueza e supprimidas as escolas de instrucção primaria;

Art.º 2—A lingua official será a ingleza;

§ unico—Serão fusilados todos os que se não matricularem em escolas inglezas, no prazo de oito dias, logo que essas sejam abertas;

Art.º 3—Professores e funcionarios publicos serão substituidos por cidadãos inglezes;

Que os ministros e secretarios de estado, meus e da Inglaterra, assim o tenham entendido e façam executar.

Paço, em 20 de Agosto, anniversario natalicio do nosso tratado. Rei—Ernesto Rodolpho Hintze Ribeiro. João Franco Castello Branco. Luiz Soveral. E mais canalha.

Parabens á nação Lusa.

Phymdel—cão de fila, des-
de nos biscoitos do Abel Andrade.

RECOMEÇANDO...

Não me callei.

Não me esqueci.

Seria cobarde o callar-me: seria infame o esquecer-me.

Não. Simplesmente, prudentemente, repreza a audacia irrequieta da minha ira, suffocada, por momentos, a violencia turbulenta da minha indignação, puz-me á capa, sereno, pacifico, que pilotos sabidos no mar da torpeza nacional ameaçavam já, graças ao meu protesto, naufragio eminente, avaria grossa, á questão que eu quizera levar ao porto franco da justiça, ao porto seguro da dignidade e da honra.

Era impolitica, era innopportuna a minha campanha; podia acirrar mais a hysterica farranquice, o reles desbragamento do Pombalinho d'algibeira, que, no Olympo do Terreiro do Paço, dardejia raios de papelão sobre uma cambada de poltrões, sobre um povo de castrados.

Podia pretextar represalias, vilanias; podia ser contraproducente o meu protesto, e, como n'um paiz de malandros, de imbecis, elle poderia ser tudo isso, podia ser muito mais — porque todas as patifarias são verosimeis, porque não ha impossiveis na infamia, — prudentemente, simplesmente, eu puz-me á capa, á espreita do ensejo, a esperar do momento, para vir, de novo, com o meu odio contra o hystrião que persegue, *porque quer*, o Dr. Alves Moreira, para vir, de novo, com o meu despreso para com a poltronaria sorna, surreia dos que deixam ir por diante essa perseguição, porque, — senhores do seu nariz, elles tambem! — não querem ter energia, para a impedir, não querem ter vergonha para se revoltar.

dores, fórceps, aguas mineraes

Estava á espera.

Agora parece que se pôde fallar sem perigo. Já nada compromette a questão irremediavelmente perdida, irremediavelmente liquidada no rol das ignominias, das bandalheiras d'um despotismo d'anões para uso d'uma nacionalidade de pulhas.

Agora já se pôde fallar.

Começou a *Provincia*, que removida pela perseguição que lhe bateu á porta se lembrou da que, ha mais tempo, batera ao ferrolho do Dr. Alves Moreira.

Começou a *Provincia* e começou tão bem, atacando o sr. Costa Simões, Venerando Prelado da Universidade e Submisso Lacaio do Ministerio do Reino, que eu, perfilhando, linha a linha, de fio a pavio, as suas palavras, recomengo com ellas a minha campanha, satisfação com ellas, por hoje, a necessidade instante de dizer verdades ás barbas brancas d'um velho que eu quizera ver immaculadas e que elle deixou emporcalhar com a lama ignobil da politica de encruzilhadas e de torpezas d'um tyranno d'operta, sem decore e sem talento, sem dignidade e sem pudor.

Faz pena que um homem, que se chama Costa Simões, com uma larga folha de serviços publicos e tradições de professor sabio e honesto, chegasse á adiantada idade em que se encontra para offuscar, pelo seu proceder incorrecto, o brilho da sua passagem pela cathedra e pelos hospitaes da Universidade.

O sr. dr. Costa Simões não tem estado á altura da sua missão, no difficil desempenho das melindrosas funções de Reitor do primeiro estabelecimento scientifico de Portugal.

A sua fraqueza perante o sr. ministro do reino, os seus actos

dubios e hesitantes, a indifferença com que tem recebido as censuras, que algumas Faculdades lhe dirigiram, collocaram o sr. Costa Simões em tal estado de desprestigio, que já não lhe é possivel continuar a exercer as funções de Reitor com o desassombro, energia e independencia, que se requerem na direcção superior de um estabelecimento scientifico tão importante. O sr. dr. Costa Simões, deixando-se arrastar por sentimentos pouco proprios de quem devia olhar mais attentamente para o decore da sua posição, perdeu a força e a auctoridade, annullando-se completamente para o exercicio do seu alto cargo.

Se á frente da Universidade estivesse um Reitor energico, que não ignorasse o que devia á dignidade, aos direitos e ás regalias do nosso primeiro estabelecimento de instrucção superior, não teria sido demittido o dr. Coimbra; o sr. dr. Costa Simões não nomearia para o logar de machinista do Observatorio Astronomico um serralheiro de Coimbra, velho e incompetente, contrariando-se a proposta dos astrónomos; e nem o sr. Reitor havia consentido que se praticasse a baixa e réles prepotencia e flagrante illegalidade de se roubar a um professor digno e cumpridor dos seus deveres officiaes o vencimento de cathedratico a que tem incontestavel direito. Porque aquillo que o sr. João Franco está fazendo ao dr. Guilherme Alves Moreira não significa mais do que o sr. ministro do reino metter a mão nos bolsos d'aquelle professor para de lá tirar o ordenado que elle, como cathedratico, venceria mais.

O sr. dr. Costa Simões é cúmplice n'esta extorsão odiosissima, porque, pela sua fraqueza, pelo seu silencio e pela sua subjeição ao sr. ministro do reino, tem concorrido para facilitar a execução de uma arbitrariedade tão repugnante. A's reclamações justissimas da faculdade de Direito responde com o encolhimento d'hombros revelador da inconsciencia da sua força e da missão que tem a cumprir. Ao ministro do reino não dirige nenhum protesto contra o extraordinario attentado, talvez com o receio de que se perca pelo caminho a folha do seu ordenado de Reitor.

Não que o sr. João Franco não é homem que se vergue a imposições justas; e, perder por perder, que fique prejudicado o sr. dr. Guilherme Moreira, que é ainda novo e pode melhor ganhar os meios de subsistencia fóra da Universidade, do que o sr. dr. Costa Simões no seu retiro da Mealhada.

Assentindo a que os poderes publicos façam recahir sobre o dr. Alves Moreira uma suspeita immerecida, não cumprindo a lei reguladora do estabelecimento que dirige, deixando que se faça uma extorsão tão illegal e se exerça uma perseguição tão accintosa, o sr. Reitor da Universidade esquece-se de que lhe compete, pelos Estatutos, zelar o bom nome e prestigio, os interesses e o decore do corpo docente, e merece que a opinião publica o considere ainda abaixo do mais infimo regedor de parochia.

Mas o sr. dr. Costa Simões não tinha de lembrar-se só dos Estatutos, devia tambem recordar-se de que já foi professor da Universidade, e, sobretudo do seu passado honroso e do nome que conquistara antes da sua entrada para a Reitoria.

Se a sua memoria conservasse o poder d'outros tempos, o sabio professor não deixaria que as gloriosas tradições da sua vida fossem tão desgraçadamente manchadas pelo seu apego ao logar de Reitor e pela sua obediencia servil a um ministro vingativo.

Dirigindo-se a el-rei diz *O Comercio do Porto*:

«... e Vossa Magestade é o primeiro a ama-la.»

Quem será a ditosa que possui o coração da Magestade.

E o collega com segredos; diga lá quem ella é. Vá, porque a gente gosta de andar ao facto...

ARTE & LITTERATURA

RUINAS

Ao Antonio Bastos

Pelos salões ermos ha luas dolentes
D'espelhos transidos e quadros banaes:
E ha já tanto tempo que brancuras doentes
Os não embaciam, aos espelhos quentes
Que alli luarisam os salões reaes!

Mora lá um velho, ativo descendente
D'uma raça extincta de navegadores:
Sobre a porta nobre o seu brazão pendente
Trazes de liz e um castello albente
Em campo amarello arrascanhado a côres.

Da minha janella cheia de verdura
Vejo-o ao sol pôr, na sua estranha magua,
E levar, ativo, os olhos pela Altura
N'um jardim onde herva dá pela cintura
E ainda rebentam grandes leques d'agua!

E eu queria ser esse velhinho errante!...
Talvez a minha alma no seu arduo peito,
Lá fortalecesse o men ideal fragrante
Na serena luz do seu cantar distante,
No prrido audaz do meu chorar desfeito.

Sua sombra é quasi a minha sombra inquieta,
Para o chão voraz os corpos já a curvar;
Nos seus olhos bons ha cilios de violeta;
Tem por certo historia este velhinho asceta:
Vinde, lindas moças, vindem'a contar!

A' vossa lareira, pelas noites calmas,
Vossas mães e irmãs hão-de a ter já contado,
Emquanto crepitam castanheiros e almas
Por sobre um luar onde se estendem palmas,
Sob um firmamento todo lapidado.

Apagam-se agora as luses das janellas
Do palacio em frente; ai, dorme, bom velhinho,
Que tu tens de guarda as lanças das estrellas
E a serena luz que se esmigalha d'ellas
E' para corar a tua barba de linho.

Ten passado d'ouro, teu coração puro,
Tudo te roubaram braços inclementes;
— A via-lactea é sombra e o claro é o escuro: —
E, se a vida é um fructo immensamente duro,
Os astros do ceu mastigam-se sem dentes.

Talvez tenha amado este velhinho santo
Alguna Princeza que é já morta agora:
Ai, querida Alma, p'ra que chorar tanto?!
E' que os olhos nossos, ao travez do pranto,
Veem mais de perto o coração da Aurora!

E nas azinhagas tristes, descorados
Passam para o campo os rudes lavradores;
Ironicos riem cantos aos boccados...
Miseravel mundo que só tem cuidados!
Ai, iniqua vida que é estendal de dores!

E vão raparigas de celeste olhar
A dizerem, tristes, cantigas doridas
(Ai! que linda quadra essa popular!
Tornae-a a dizer, deixae-m'a copiar.)
Que joias de preço andam ahi perdidas!

Espanca-me o Sol o Sonho que me abriga...
O velho abre a porta envernizada, escura,
E, chapu na mão, á luz do sol amiga,
Lembra uma figura de ballada antiga
Que resuscitasse n'uma illuminura!

GUEDES TEIXEIRA

(Da "Mocidade Perdida", no prélo)

JÁ É TEMPO

Está acabado o tempo de enganar os homens — dizia Pedro 4.º o libertador — e, como penhor seguro do cumprimento da sua involvidavel promessa, outorgou-nos a Carta. O movimento democratico de 1820, que symbolisa o accordar heroico d'um povo para a liberdade, reivindicando os seus legitimos e incontestaveis direitos, liquidava afinal, arditosamente sophismado, numa concessão regia, em que um monarcha — de direito divino — impunha a sua vontade á nação soberana, curvada na esperança ingenua da lealdade e nobreza do seu pseudo-libertador.

A promessa foi cumprida; a nação, vilipendiada em sua dignidade, despresada nos seus direitos, escarnecida no seu heroismo, mereceu do sãncador regio, que se aproveitou da sua boa fé para a entregar, com o beijo de Judas, á Inglaterra e consolidar assim os seus interesses dynasticos.

Faltava, porem, uma coisa: poluir os caracteres, enervar-los; apagar os ideaes; numa palavra, atrophiar os órgãos da nação para a converter n'uma massa amorpha, malleavel, sem energia. Para esta obra nefanda tinha havido, é certo, um Costa Cabral; mas era violento, despertava coleras, excitava odios que, exteriorizados, ora em revoltas, ora em lacerantes invectivas contra o ministro omnipotente, iam ferir tambem o throno. As intervenções estrangeiras eram egualmente uma violencia demasiada que a ninguém agradava.

Por fim, appareceu o homem proprio, pela sua arditosa habilidade, para consummar a vergonha do paiz. Chamava-se Rodrigo da Fonseca Magalhães.

Aproveitando-se do desalento dos partidos, converteu Portugal numa campina rasa, onde se não descobre uma elevação que symbolise um caracter ou uma virtude civica.

Estava realisado o tenebroso fim da monarchia constitucional! A independencia estrangeira era um principio fundamental do direito dynastico; a corrupção de caracteres ficou sendo um dever sagrado para todos os governos, e o despotismo arvorava-se, afinal, embora adornado com a lantejoula dourada da legalidade.

Quanta hypocrisia e fraqueza se despenderia, nesta obra, de parte a parte?

Desde então para cá a mesma orientação tem persistido, sorrindo-se cynicamente a realsea para aquelles, que, geralmente Catões ferozes nos discursos e na imprensa, immediatamente se transformam em aulicos ridiculos, ao acenarem-lhe com uma promoção ou emprego publico.

Sómente, nestes ultimos annos se tem operado uma modificação. A tyrannia é mais nobre, porque é mais franca. Pratica arbitrariedades e prepotencias, assombrosas em geral, intoleraveis sempre; mas tem a louvavel coragem de assumir a responsabilidade perante a nação.

Anavalha infamemente a dignidade portugueza, é certo, mas é coerente; porque, assalariada pelos Braganças, tem por unico fim engrandecer o poder real; isto é, a hora que a Patria atravessa é de deshonra e infamia nacional, mas é de jubilo para o rei e de gloria para os ministros.

Escusado é, pois, embebermo-nos na contemplação d'essa illusoria miragem denominada — solidariedade dos interesses nacionaes com os interesses dynasticos.

Os ministros encarregaram-se de a desfazer.

A situação está portanto bem definida: a monarchia é incompativel com a nação; o que quer dizer o melhoramento e o progresso da nossa Patria são impossiveis com a coexistencia da monarchia. Qual o remedio para esta situação? Indubitavelmente a amputação do cancro que corroe profundamente a nossa sociedade: a monarchia, visto que só depois de conquistarmos a

manipulação politica, poderemos sonhar com a emancipação economica e moral.

E então, talvez, possamos dizer com mais verdade que o tempo de enganar os homens está acabado.

Da sua *Caverna de Caco*, aquelle chama *Coimbra Medica*, agra o doutor Augusto Rocha uma covarde navalhada á memoria de Francisco Bastos, que Coimbra tão bem conheceu. Chama-lhe falsario e outras coisas que elle a si proprio arrancou.

E' de saber que a *blague* a que o dr. Augusto Rocha se refere, *O Intestino Grosso*, foi assignada, em typo bem visivel, por aquelle desditoso rapaz e não com o nome do Augusto Rocha, como elle affirma.

Francisco Bastos esteve em Coimbra quatro annos, após a publicação d'aquella *blague*, nos *Insubmissos*.

Retirou-se depois para o Brazil, sem que o dr. Augusto Rocha, até á data da sua morte, tentasse tirar um desforço d'aquella troça. Depois da sua morte, quando elle já não poderia responder, é que este lente vem chamar-lhe falsario!!

Nós nem queremos qualificar o procedimento de tão honrado caudillo...

O dr. Augusto Rocha está na sua logica.

Ladra o Navarro em defeza da monarchia.

Admira-se o publico da audacia do velho rafeiro, que levantou, em Luso, um *chalet*, monumento commemorativo da notavel batalha do Bussaco.

Não tem de que espantar-se.

Defender a monarchia porque defende a vida; defender o rei porque lhe paga, num paiz de guardas municipaes, não vemos em tal facto vislumbre de valentia...

E' simplesmente um cão... pouco fiel — é verdade.

Até no patrão morde quando o ordenado se demora.

O Sr. Bispo Conde terminou o seu discurso, na Academia de Madrid, da seguinte forma:

"Praza a Deus tambem que na guerra de Cuba não se demore muito a victoria das armas hespanholas, que é a paz da peninsula; para nós dizermos então com o espirito a afirmar justiça, e com o coração a trasbordar alegrias:

Viva a Hespanha vencedora, Viva o engrandecimento e a prosperidade das duas nações peninsulares.

O espirito a afirmar justiça...

Sim, a justiça da Igreja tem sido pelo fortes contra os fracos.

O Sr. Bispo está, pois, dentro dos limites da coherencia e da burrice.

Diz a *Correspondencia de Coimbra*, que o sr. Eugenio de Castro fez uma conferencia, advogando a ideia de se exportar azeite para o Brazil.

FOLHETIM

ANTONIO JOSÉ D'ALMEIDA

DESAFFRONTA

(Continuação)

Façam favor de ler a proposta que o sr. Lopes Vieira apresentou á congregação da faculdade de medicina, no dia 30 de julho de 1894. Façam favor de a ler, e digam-me, depois, se eu não sou d'uma pacatez quasi idyllica na relativa serenidade com que escrevo este livro...

Essa proposta vae reproduzida em photo-gravura. Propositadamente a quiz pôr assim sob os olhos dos meus leitores. Pena tenho eu de não poder photographar tambem os impetos rancorosos da mão que a escreveu. Em todo o caso ahi fica esse documento estupendo, para o publico poder estudar, *sur la bête*, a seriedade d'um *verdictum* universitario. Aquelle documento é uma revelação. Atravez d'elle, co-

O VÉTO

Como é pois que se quer conceder o véto ao poder executivo ou moderador na phrase da Carta? Como é que a nossa Carta vem conceder ao rei a faculdade de invalidar todas as medidas do corpo legislativo? Isso é tanto mais incomprehensivel, quanto é certo que a mesma Carta no art. 10 consagra o principio da divisão. Pois a Carta reconhece no citado artigo que a *divisão e harmonia dos poderes é o principio conservador dos direitos dos cidadãos*, e vae depois consentir a ingerencia do poder executivo nos outros poderes? O principio salutar da divisão é assim desatendido: o rei pode annullar completamente a acção do poder legislativo, a lei autorisa-o a isso.

É admiravel! A nação deposita a sua autonomia nas mãos de um homem, por que aquella pode errar algumas vezes! Esse a quem confia tão grande poder?

Esse é impeccavel, e a sua pessoa é inviolavel e sagrada e não está sujeita a responsabilidade alguma!

As resoluções das côrtes podem ser adoptadas com precipitação, sem maduro exame, dizem os defensores das prerogativas reaes, e é preciso oppor um obstaculo a este mal.

A precipitação não é um defeito inherente ao corpo legislativo; é sabido pelo contrario que a reflexão e a madureza do exame são os caracteres proprios de qualquer corporação. Esta precipitação, se algumas vezes a houve, foi antes o resultado de circumstancias especiaes, do que uma consequencia da organização do poder legislativo; e os exemplos das constituintes em França, da Hespanha em 1812, e de Portugal em 1820, nada podem provar; por que todas estas nações se achavam então numa epocha de transformação e renovação social, em que era preciso assentar um novo edificio sobre as ruinas do passado. A necessidade de substituir as velhas instituições por outras mais conformes ao espirito liberal e revolucionario d'aquellas epochas, e sobre tudo o amor pela independencia e o ardor pela felicidade, longo tempo reprimidos, deviam necessariamente produzir uma grande actividade nestes corpos legislativos, e fazer-lhes sentir a urgencia da promulgação de novas leis.

Mas, ainda quando se demonstrasse que a precipitação é um defeito annexo ás assembleas legislativas, é claro que este inconveniente podia remediar-se, estabelecendo-se formalidades que devem acompanhar a discussão e a approvação dos projectos de lei.

As reflexões que acabamos de fazer podem igualmente adduzir-se a proposito da multiplicidade das leis.

Benjamin Constant, o apologeta da monarchia constitucional, diz que o véto é uma necessidade, para que a lei seja executada com zelo: *«aucun pouvoir n'exécute d'ailleurs avec*

mo atravez d'um transparente, divisa-se a promiscuidade immunda da perseguição politica e do rancor cathedratico—toda a *kermesse* das almas reles.

Lá para deante, faço-lhe alguns commentarios,—mais para lhe tirar a significação symptomatica do que para outra coisa.

Porque aquillo não se discute...

Verdadeiramente a questão que debate é outra,— questão de que a proposta-Lopes Vieira foi, afinal, a expressão superior, a resultante logica. Refiro-me á guerra troca-tintas e nojenta que me foi movida por eu ser republicano.

E' caracteristico este facto, e por isso incidente digno de nota na vida da faculdade de medicina.

A mim não me prejudicaram, por que nunca quiz ser lente; mas se a perseguição me assaltasse, estando eu menos couraçado de classificações academicas, o prejuizo seria incalculavel, porque me teriam reprovado.

Ainda, sob este ponto de vista,

zèle une loi qu'il désapprouve. Não pode haver theoria mais favoravel á prepotencia do poder executivo, que viria a ser deste modo o unico soberano, e a representação do poder legislativo completamente inutil.

Manoel Joaquim Massa
(Continua)

O sr. Franco Frazão conseguiu o seu fim: transformar o templo de Santa Cruz num verdadeiro tasco. Só lhe falta o ramo de louro á porta.

As diatribes praticadas pelo obscuro artista não se acreditam e muito menos se imaginam.

Só vendo. Vá o publico visitar o templo e diga da sua justiça.

Mas que terá o sr. director das obras publicas na cabeça? Fica a premio.

Nas esquinas, o Fernandes Costa, homem de engenharias e litterato lisboeta, annunciando o seu livro *Memorias d'um ajudante de campo* diz que a obra tem dois fortes volumes. Elle bem se conhece.

Forte burro, é o que elle é.

A camara municipal de Foja, entusiasmada com as bravuras do sr. D. Afonso, na India, vae enviar ao grande artilheiro um masso de *bichas de rabi* e uma mula de pau...

E' uma offerta que deve lisongear sobremaneira o augusto cavalleiro. Muito bem! muito bem!

Nos estatutos d'um Syndicato Agricola ha um artigo em que se diz que um dos fins do syndicato será *adquirir directamente para uso commum dos socios animaes reproductores*. Realmente a raça portugueza precisa de enxertia.

Vende-se um burro que dá pelo nome de Marquez, magifico e intelligentissimo, por preço medico.

Este burro, pertencente a um dos mais sympathicos horticultores dos arrabaldes d'esta cidade, que se acha ausente, no gozo das ferias de ponto, será vendido a quem der por elle mais de 3:500 réis.

O preço é puramente d'ocasião.

Quem quizer comprar pode dirigir-se ao ill.^{mo} e ex.^{mo} sr. Luiz Doria, na *Reptilica*, Sancta Clara.

Carta do Porto

Meus amigos

Tempo de exames; receios e incertezas, decepções e realidades a par de muitas injustiças que p'r'ahi se fazem, são a palestra quotidiana dos que nos vamos ficando tristes, é certo, por assistir a esta debandada, onde se nos vão amigos e... não poucos inimigos. Emfim, a tudo isto já estamos acostumados e

o livro, que vae ler-se, não será de todo descabido, porque, por uma exhibição de processos, faz uma prevenção aos alumnos que frequentarem a faculdade de medicina.

Logo que este livro foi annunciado — e já o vem sendo de bem longe — se começou a dizer que as suas paginas eram uma campanha contra a faculdade de medicina.

Não é bem isso, todavia.

Não escrevo com os movimentos lentos e tenazes de quem tem em vista um fim de critica mais amplo e sereno. Tenho outras coisas de que tratar e outro caminho a seguir.

Apenas liquido velhos agravos, com o impulso brusco de quem se desaffronta.

Creio que estou em condições, felizmente, para o poder fazer, sem me jogarem esse epitheto que a universidade costuma lançar com a sua funda: *é um despeitado*.

Esta miserrima questão ventillou-se em volta d'um premio, que eu não pedi e que era o primeiro a não querer, para me poupar responsabilidades intellectuaes.

demais temos ahi a companhia de D. Maria a dar-nos largos ensinamentos nas suas recitas, principalmente n'essa peça em que a miseria social se põe a nú com toda a sua ascorosidade, com todas as suas pustulas e infamias, esse drama da actualidade: *João José*.

Fomos vê-lo tambem.

A sala regorgitava de espectadores; nos camarotes sobressahiam colos alvos e alabastrinos, collares de pedras raras... ou fingidas, pinturas feitas a capricho e tendentes a vender os caprichos da natureza; todo esse mundo que por ahi vive no meio do fausto, no meio da abundancia, sem que uma sombra lhe emnuble os horizontes da vida que elles occultam, como de resto se occulta tudo que, embora muito brilhe e rutilo, tem um fundo de lama e de ignominia.

Mas vamos á peça e ao seu desempenho, em que tem as honras, e isto vae com a hombridade d'um homem que paga a cadeira em que se senta,—em que tem as honras, repito:—Ferreira da Silva.

O drama que innegavelmente tem por perolas, os dois primeiros actos, não é mais do que a photographia movimentada de uma das muitas scenas que por ahi occorrem, n'essas *ilhas* insalubres e infectas em que o senhorio regateiou ar, luz e sol.

A situação ultima do primeiro acto é soberba: um homem, um operario que sabendo da mulher requestada pelo patrão a manda sahir, a sós, e diz ao outro que a siga, pois antes d'ella encontrará alguém que sabe ainda conhecer a honra.

E o outro, o patrão fica.

Não sei se a plateia n'este final de acto se impressionou tal como eu, quero crer que não.

D'entre toda aquella gente a mór parte d'ella vivendo, como já disse, na alta esphera, haveria muito quem interiormente se risse. Na realidade, tanta abnegação por uma mulher quando por ahi vemos os maridos andar offerecendo-as, a troco de um emprego, de uma fitinha que se lhes enquadre na lapella, de um brazão que se lhes grave nos portões; tanta abnegação, quando a mulher hoje decachida, anda de mão em mão, vilipendiada pelo marido que é o primeiro a aviltar-lhe a honra, nos cafés, nos bailes, entre sorrisos equivoocos e pançadinhas caracteristicas, tanta abnegação que...

Melhor fóra que no S. João não se levasse tal á scena. Uma plateia popular excita-se perante um quadro em que se lhe mostre a honra perseguindo o vilipendio; ao contrario, a plateia do S. João, o theatro dos nobres, dos ricos, dos sublimes, dorme, cae em somnolencia que não vá o visinho, astuto e matreiro, ver n'aquillo que se representa o que se lhe passa em casa sem que elle contudo exclame:

—Ella vae só, siga-a que antes d'ella encontrará um homem.

Poltrões! como elles se conhecem bem.

Um alumno da Escola Medica do Porto.

me espetarem —esses mesmos hão de reconhecer que, a despeito de energico, fui correcto e lealissimo na maneira por que me revolttei.

Por isso mesmo eu tinha direito a que me tratassem com lealdade, não o fazendo elles, ninguem pôde dizer que eu, ao desaffrontar-me, lancei a minha penna em correrias violentas pelo simples amor de aventuras ou que sou, *ipso-facto*, um rebelde sem repouso, tendo a pular nas arterias sangue de romance.

Resta apenas dizer as razões por que não liquidei este conflicto, sendo ainda alumno da faculdade.

São simples e obvias e nem vale a pena cita-las todas. Bastam estas:

Se o fizesse acobertaria responsabilidades intellectuaes, para que me estavam desaffrontando, com pugnans jornalisticas;—era uma fraqueza, iria atacar homens a quem as praxes, —exquisitas praxes! — impediam de se defenderem:—era uma cobardia. Seria um sacrificio inutil, soffrendo uma expulsão universitaria, valvula escolhida para desabafo do odio cathedratico:—era uma loucura.

(Continua)

«DESAFFRONTA»

E' hoje posta á venda a 2.^a edição deste livro, na Livraria Moderna, de que é proprietario o nosso amigo Augusto d'Oliveira.

Esta edição vem acompanhada de um magnifico retrato do auctor.

PUBLICAÇÕES RECEBIDAS

A Patria e João de Deus

Recebemos um exemplar deste volume, commemorativo da morte de João de Deus, o grande lyrico portuguez.

O volume é dedicado á academia portugueza e nelle collaboram, entre outros escriptores notaveis: Guerra Junqueiro, Theophilo Braga, Teixeira de Carvalho, D. João da Camara Manuel d'Arriaga, Pereira Caldas, Trindade Coelho, Luiz Osorio, Assis Brazil, etc., etc.

Agradecemos a offerta.

Ballada dos Olhos Azues

Com este titulo acaba de publicar o sr. José Coelho dos Santos uma linda ballada para piano e canto, com letra do sr. Marianno Gracias, e que se acha á venda na Agencia de Negocios Universitarios, do sr. Paula e Silva.

Agradecemos o exemplar que foi offerecido a esta redacção.

Recebemos o n.^o 11 do *Jornal de Viagens* cujo summario é o seguinte:

Texto — Costumes e religioes dos diversos povos: *Santo Antonio*. — *A Palestina*. — *As catacumbas de Roma*. — *Contos e lendas do Universo: A Torre Deserta*. — *Atravez o mundo fabuloso: As sereias*. — *As grandes aventuras: Sem-Cinco-Réis*. — *Descoberta do Brazil (I): João Ramalho (O bacharel)*. — *Os portuguezes na Oceania*. — *No coração da Africa: No paiz dos elefantes*. — *Assumptos coloniaes: O cacau*. — *Pelo mundo: Viaducto de Grota Funda, Singularidades chinezas, o lago Bushnakoué, O poço da fume, Um navio a 1:368 metros d'altura, Os descobridores da America, Pelo sim e pelo não*. — *Varias noticias*.

GRAVURAS:—*Santo Antonio: A magestosa Basilica de Padua*. — *A Torre Deserta*. — *O gentleman agarra, com cada uma das mãos, cada uma d'essas barbas*. — *Orang Solor: typo portuguez*. — *Viaducto de Grota Funda*.

ADVOCADO

Frederico Guilherme Nunes de Carvalho

RUA DA SOPHIA, N.^o 56

me espetarem —esses mesmos hão de reconhecer que, a despeito de energico, fui correcto e lealissimo na maneira por que me revolttei.

Por isso mesmo eu tinha direito a que me tratassem com lealdade, não o fazendo elles, ninguem pôde dizer que eu, ao desaffrontar-me, lancei a minha penna em correrias violentas pelo simples amor de aventuras ou que sou, *ipso-facto*, um rebelde sem repouso, tendo a pular nas arterias sangue de romance.

Resta apenas dizer as razões por que não liquidei este conflicto, sendo ainda alumno da faculdade.

São simples e obvias e nem vale a pena cita-las todas. Bastam estas:

Se o fizesse acobertaria responsabilidades intellectuaes, para que me estavam desaffrontando, com pugnans jornalisticas;—era uma fraqueza, iria atacar homens a quem as praxes, —exquisitas praxes! — impediam de se defenderem:—era uma cobardia. Seria um sacrificio inutil, soffrendo uma expulsão universitaria, valvula escolhida para desabafo do odio cathedratico:—era uma loucura.

(Continua)

BREVEMENTE

A' venda a 2.^a edição (com o retrato do auctor) de:

ANTONIO JOSÉ D'ALMEIDA

DESAFFRONTA

(HISTORIA D'UMA PERSEGUIÇÃO)

LIVRARIA MODERNA

19, L. do Principe D. Carlos, 25

COIMBRA

PREÇO 300 RÉIS

PELO CORREIO 330 RÉIS

OS CALLOS

Extrahem-se radicalmente com a pomada preparada pelo pharmaceutico

F. A. R. Pereira

Deposito geral: Pharmacia Pereira, Soure, e em Coimbra na Drogaria Rodrigues da Silva & C.^a, rua Ferreira Borges, 28 a 34.

Envia-se pelo correio, franco de porte

ULTIMA NOVIDADE LITTERARIA

A Patria e João de Deus

(A' MEMORIA DO GRANDE MESTRE)

Livro dedicado ás academias do paiz e em especial ás de Lisboa, Porto e Coimbra

Collaborado pelos principaes escriptores portuguezes, sob a direcção litteraria de Leopoldo Mera.

A' venda em todas as livrarias. Preço 200 réis. Pedidos ao director litterario—Alcaçer do Sal.

Pharmacia do Castello

Premiada em varias exposições
FUNDADA EM 1859



N'este estabelecimento, permanentemente dirigido por pessoa habilitada, encontra o publico o mais completo sortido de productos chimicos e pharmaceuticos, instrumentos cirurgicos, artigos de penso, algalias, mamadeiras, seringas de todos os systemas e applicações, meias elasticas, irrigadores de Esmarch, Eguisier, etc., etc., stetoscopios, pulverisadores, forceps, aguas mineraes nacionaes e estrangeiras, etc.

Tomam-se quaesquer encomendas de França ou Allemanha mediante pequena commissão.

Aviam-se formulas homeopathicas.

CAMILLO & COSTA

Largo do Castello—COIMBRA

DEPOSITO DE BANDEIRAS

E DE

Todos os artigos para ornamentações de festejos

SERIO VEIGA

COIMBRA

66—RUA DA SOPHIA—63

N'este deposito, o primeiro no seu genero n'esta cidade, encontra-se para alugar um variado sortimento de bandeiras de diferentes tamanhos e gostos, assim como: arcos, columnas, pedestaes, postes, estatuas em tamanho natural, vasos escudetes, escudos, floreas, lanternas de vidro branco e de outras côres, balões venezianos, balões á crivas, balões de movimento, etc.

COPIOGRAPHOS

para reproducções de manuscritos, circulares, avisos, preços correntes, sebentas, etc., etc.
Garante-se 50 copias.

SERIO VEIGA—Sophia—COIMBRA

Unico estabelecimento

EM

COIMBRA
NO CENERO

43, RUA DA SOPHIA, 45

Pianos, Bicycletes, Machinas de costura, artigos electricos, etc, etc.

Vendas a prompto pagamento e a prestações.

Correspondente de emigração para todos os estados da Republica do Brazil.

Passagens gratuitas.

A. S. DE CARVALHO

43, Rua da Sophia, 45

COIMBRA

NOVIDADES

Bilhetes postaes illustrados

PREÇO DE CADA UM, 10 REIS

Photographias do bohemio Augusto Hylario, a 300 e 600 réis.

O QUE É SER SOCIALISTA

PREÇO, 50 REIS

Na loja de

ALBERTO VIANNA

Largo da Sé Velha

COIMBRA

Julião A. d'Almeida & C.^a

20—Rua de Sargento Mór—24

COIMBRA

N'este antigo estabelecimento cobrem-se guarda-soes, com boas sedas de fabrico portuguez. Preços os mais baratos.

Tambem teem lãsinhas finas e outras fazendas para coberturas baratas.

Receberam ultimamente um sortido de sarja de seda de variadas côres, para guarda-soes e sombrinhas de senhoras.

O que ha de mais chic.

OFFICINA

DE

Bernardino d'Almeida Coelho

VIZEU

N'esta officina, onde se fazem e concertam carros com toda a perfeição e por preços sem rival, estão á venda os seguintes carros:

Um *phaeton*, pintado e estofado, podendo ser para um ou dois cavallos.

Um *dogcar* de caça de 4 rodas, para um cavallo.

Um *break* montado em meias molas e comportando 12 pessoas.

Grande Livraria

Portugueza e Estrangeira

DE

MANUEL DE ALMEIDA CABRAL

163, Rua da Calçada, 165—COIMBRA

Livros em todos os idiomas. Expedições rapidas.

Antonio Ambrosio

6, Adro de Gima (a S. Bartholomeu), 7

COIMBRA

Bandeiras para cordas e paus, de diferentes tamanhos; ditas com galhardetes e outros ornatos, tambem de diferentes tamanhos.

Grande variedade de balões venezianos, copos de côr, lanternas e escudos, que tudo aluga por preços commodos.

Este estabelecimento, o mais antigo n'este genero, foi o que forneceu a ornamentação para os festejos de Camões.

BALÕES AEROSTATOS



Fabricam-se de diferentes gostos, com lindas e variadissimas côres, para fazer subir em arraiaes, medindo de 0^m 90 até 6^m 0, regulando os seus preços de 40 a 600 réis.

SERIO VEIGA—Sophia—COIMBRA

BIBLIOTHECA INTERNACIONAL

Collecção de obras primas de toda a litteratura, antiga e moderna

Acaba de apparecer o 3.^o volume: CARTAS AMOROSAS d'uma religiosa portugueza, traducção de Filinto Elysio.—1.^o vol.—João de Deus—Poesias. 2.^o vol.—Fialho d'Almeida—Madona do campo santo.

Preço de cada volume cuidadosamente impresso em bom papel com o retrato do auctor—100 réis.

Successivamente serão publicados volumes de: Dr. Theophilo Braga, Gabriele d'Annunzio, Emile Zola, Eça de Queiroz, Balzac, etc., etc.

Para assignar basta enviar o nome e morada a

LIVRARIA MODERNA—Coimbra.

A cobrança será feita pelo correio, por series de 5 volumes.

ANTIGA DROGARIA AREOSA

José Figueiredo & C.^a

25, Montarroio, 33

COIMBRA

Deposito da sociedade de perfumarias hygienicas e antisepticas de Bordeaux, das do Dr. Bousset, e da Empreza das Aguas Minero-Medicinaes de Entre-os-Rios.

Artigos para Photographia. Chapas allemãs, francezas e inglezas. Cartões, papel preparado e mais productos proprios para a photographia.

Fornecimentos para Pharmacia. Productos chimicos e especialidades pharmaceuticas das melhores procedencias. Perfumarias de diferentes qualidades.

Cimentos inglezes, de diferentes marcas garantidas.

Sulfato de cobre para as vinhas, garantido a 99 %.

Preços resumidos. Vendas por junto e a retalho.

LIVRARIA MODERNA

Augusto d'Oliveira

L. do Principe D. Carlos, 19 a 25

COIMBRA

Grande sortimento de livros de educação e ensino primario e secundario.

Satisfazem-se no minimo prazo possivel todas as encomendas dos livros que não haja em deposito.

Correspondencia com todos os centros litterarios estrangeiros.

Assignaturas para todos os jornaes e revistas ao preço de 240 réis o franco.

Resposta a toda a correspondencia na volta do correio.

Fornecem se catalogos de livros de todas as especialidades a quem os requisite.

EM PUBLICAÇÃO

REVISTA BIBLIOGRAPHICA, catalogo mensal annunciando tudo o que de novo appareça no mundo litterario.

Distribuição gratis a todas as pessoas que nos honrarem com as suas compras.

PORTUGAL

Orgão dos estudantes republicanos

Redacção e administração

RUA DE SÁ DE MIRANDA, 36

COIMBRA

ASSIGNATURAS

(PAGAMENTO ADIANTADO)

Trimestre 150 réis
Semestre 300 »
Anno 600 »

Publicações e annuncios

(PREÇOS)

1.^a pagina, por linha 400 réis
2.^a » » » 200 »
3.^a » » » 60 »
4.^a » » » 20 »

Os senhores assignantes tem abatimento de 50 %.

Publicam-se, gratis, todas as communicações de interesse geral, que nos sejam fornecidas.

Communicados de interesse particular e annuncios permanentes, contracto especial.

Não se restituem os autographos, sejam ou não publicados.

EDITOR—J. M. S. Nazareth

Typ. e Ljt. Minerva Central—Rua da Sophia—COIMBRA

PORTUGAL



ORGÃO DOS ESTUDANTES REPUBLICANOS

NUMERO AVULSO, 10 RÉIS

1.º anno

Coimbra, 7 de julho de 1896

Numero 10

A MAIS TORPE E INDIGNA DAS VIOLENCIAS!

QUERELLADOS E ROUBADOS!...

A's ordens da realza os malsins assalariados apprehenderam-nos o n.º 9 do nosso jornal.

Fomos roubados pela policia. Não cedemos.

Regista-se, apenas, mais esta infamia dos capachos da Inglaterra... e continuamos a derrota.

Traidores, para as vossas perseguições o nosso desprezo.

À mercê de bandidos

Quando no alto mar os marinheiros se julgam perdidos abandonam as manobras e, de mãos postas e joelho em terra, evocam o auxilio do Céu.

Assim nós devíamos fazer.

P'rá banda a penna que de nada serve, sufocuem-se os gritos de revolta que nos sahem da alma e, no instante em que uma Patria vae a submergir-se,—devemos ajoelhar e pedir, de mãos erguidas, o auxilio do Desconhecido. Será banalidade? Não sei. E' pelo menos uma tranqüibérnia para a consciencia, a fim de não se dizer que, na hora da morte, não ha uma préce por alma da Patria, não ha uma blasphemia para os Cangalheiros que vão ás argolas.

Nada de gritar—As armas! Vamos á Revolução. E' tempo perdido.

Jámais alguém se lembrou de a um moribundo dizer—toma esta clavina e mata o teu inimigo; ao contrario, pedem-lhe que faça testamento.

Ora muito bem: o povo portuguez está, positivamente, a debater-se nas vascas da agonia e, como não tem que legar, morre sem impertinencias.

Enterra-se sem as egregias apothecoses a que tem direito todos os grandes, pois é conduzido para a cova por ladrões, assassinos e traidores, pela viella escusa do crime, tendo por guarda de honra a policia e a municipal.

Morto e infamado! O destino de um grande!

Não póde viver um povo que tolera:—o assalto dos cofres publicos por uma horda de ladrões; assassinos por commissarios regios nas colonias, que afinal de contas são verdadeiros e leaes representantes do rei e do governo. Nunca se viu tanta infamia.

Jámais se commetterá tanto crime.

O paiz marcha, aos baldões do acaso, á mercê de bandidos, que lhe roubaram o dinheiro, a honra e a liberdade.

Caminha, coitado, pobresinho, espesinhado, esfarrapado, chorando aqui, gritando alem... um pobre martyr a quem sequestraram o direito de pensar.

Se pudesse com uma arma, revoltava-se: ai dos dictadores, feitos pela covardia e imbecilidade nacionaes, se um dia o milagre se opéra.

DECLARAÇÃO

Só abandonaremos o nosso posto quando as auctoridades descobrirem o meio de nos prender o cerebro.

De resto, perdem o seu tempo.

JOSÉ FALCÃO

Da grande edição da «Cartilha do Povo», promovida pelos estudantes republicanos, por subscrição publica, a fim de ser distribuida gratuitamente pelo Povo portuguez, vae em breve proceder-se á distribuição.

Simultaneamente será publicado, nos jornaes, pela commissão encarregada d'esses trabalhos, um relatório minucioso com a lista dos subscriptores e outras notas.

E que o Povo aprenda, a ser livre, no Evangelho de José Falcão, o vulto mais colossal da Democracia portugueza.

O BARRIGUINHA

Visconde do Banho—fidalgo da antiga linhagem portugueza, é o actual governador civil do districto de Coimbra.

D'onde veio?

Como arranjou o titulo?

Como chegou a ser barriguinha dos barrigas?—Etc.

Fallaremos a seu tempo.

O doente não se cura porque o Esculapio é o partido republicano.

Dá vontade de perguntar: onde tem V. Ex.ª o consultorio?

Germano Martins

Completo a sua formatura em direito este nosso companheiro de largos annos de lucta.

Caracter levantado, alma franca, espirito lucido que atravessou toda a sua vida academica sem nunca ter descido aos favoritismos que tanto tem feito vergar esta academia, Germano Martins tem um lugar inconfundivel entre os da pleiade de homens de quem o paiz tudo espera e de que tudo tem a esperar.

Abraçando-o ao entrar na lucta pela vida, em que tantos sossobram, e fazendo votos pela sua felicidade, estamos tão certos que abraçamos um homem de bem, como Germano Martins pode estar certo de que deixa em Coimbra tantos amigos, quantos foram os que elle honrou com o tracto lhano e affavel da sua alegria communicativa, boa e ruidosa.

A mesa da irmandade da Rainha Santa Isabel pediu ao governo que concedesse ás santas irmãs hospitaleiras o convento de Santa Clara, a titulo de guarda dos restos mortaes da esposa de D. Diniz.

O governo, promptamente, accedeu...

A mesma mesa vae pedir á camara municipal a substituição dos ourinoes da cidade, por jesuitas.

Achamos justo, seus bananas.

O sr. Manoel Joaquim Massa, actual secretario geral d'este districto, *nosso amigo e prestante collaborador*, anda furioso connosco—dizem as linguas viperinas da nossa terra.

Havemos de mandar-lhe um cartucho de rebuçados.

Não gosta?...

Ora o fraldiqueiro.

A' porta da Havaneza:

Dialogo:

Um cavalheiro—Então bom, hein?

Lá por casa todos bem?...

O commissario—Assim, assim, o diabo do meu creado é que agarrou uma pneumonia dupla, que começou a duplicar, a duplicar, de maneira que me vi obrigado a mette-lo no hospital. Podia pegar-se...

O cavalheiro—(A' parte)—Que grande bruto é este Ferrão. Ora esta?!

Nós que vamos passando, arescenciamos—e bebemos.

A'VANTE

Que nojo, que repugnancia tudo isto causa!

Nem dinheiro, nem vergonha: pobres e caloteiros.

Parece um povo de capados.

No throno um rei que se diverte em quanto a nação agonisa; nas pastas, homens sem consciencia nem moralidade.

Depois de nos roubarem a camisa, era preciso um João Franco que de chicote em punho, levasse a ponta-pés esta gente que tem a sem-vergonha de se chamar portuguez.

Na India fuzila-se a capricho d'um commissario regio, ex-ministro do Estado. Em Portugal assaltam-se as imprensas e rouba-se em nome da vontade governamental, sem que haja um protesto, uma energia unica, capaz de correr essa sucia de vandalas, acobertados por um ministro.

Tripudiam de contentes os Sergio e os Navarros, e os *sensatos* da nossa terra recommendam aos filhos o exemplo d'aquelles patifes.

Já é baixeza!

E o paiz, olhando para tudo isto com ares de parvo e humildade de escravo, ri-se dos que por ahi chamam exaltados, unicos, aonde ainda resta alguma coisa de grande e levantado—a alma d'um povo que vai morrer.

Mas ao menos *que saiba morrer quem viver não soube*. E' nas ruas no alto das barricadas, ao canto das esquinas, no meio das cidades, no reconcavo das serras,—armas na mão, e revolta na alma, vibrante, sincera, benedicta pelo amor da patria, que elle deve acabar.

Assim ao menos deixariamos na historia da humanidade um nome honrado.

Deixemos ao burguez a conveniencia do seu egoismo, que tanto pode acabar n'uma forca, como de um estupor.

A nós só compete luctar e luctar pela Revolução.

Quando um governo põe de parte a vontade nacional, a mais sagrada conquista dos tempos modernos, para governar pela vontade da corôa e com o apoio das armas, tal governo além de illegal é criminoso.

E á illegalidade responde-se com a illegalidade; á força com a força.

Esta é a marcha natural das coisas que se impõe a todo o cidadão.

Os campos estão estremados e bem definidos. Ou Patria ou rei.

O imperio da lei foi substituido pelo imperio da vontade.

Estamos em pleno regimen absoluto.

Pois bem. Encetemos a guerra santa da Liberdade e luctemos com as armas na mão.

O mesquinho João Franco, que aparenta de forte para encobrir a propria fraqueza, deu ordem aos seus delegados no Porto para que dessem andamento aos processos de imprensa que ha tres annos tinham sido promovidos contra o brilhante e valente jornalista João Chagas.

Motivo: a publicação no *Paiz*, d'um artigo do jornalista contra o ministro, descrevendo-o, com toda a justiça e talento.

E chamam a este homem dictador... Dictador destinado a uma barraca de *fantoches*.

A nova imagem da Rainha Sancta Isabel, obra prima de Teixeira Lopes, chegou hontem a esta cidade e foi conduzida, a pau e corda, da estação para o mosteiro de Sancta Clara.

A' frente a mesa da irmandade e na rectaguarda uma philarmonica a businar...

Um pagode de capello e borla...

Corre o boato de que o sr. da Silva Ferrão, burlesco e crapuloso *Tawadas* da policia, mandou vender, a peso, em Condeixa, os exemplares do *Portugal* apprehendidos no dia 27 de junho.

O producto liquido da venda foi applicado á compra de um *kilo* da afamada manteiga da Conraria, que foi lambida, em affectuoso *chá*, pelo *Barriguinha*, Massa e Ferrão, a trindade dos camelos, infimos serventes do João Franco.

E mais não consta.

Foi hoje aberta ao publico a igreja de Sancta Cruz, definitivamente remodelada pelas diatribes pittorescas do sr. Franco Frazão.

O publico ficou pasmado e rosnavo: *está pessima; parece um pombal*...

Outro tanto não succedeu com a celeberrima commissão dos monumentos, que achou—*tudo muito bem*.

Que sucia...

Abriam a porta e queimaram, em foguetes, a gloria do director das obras publicas.

E—*Deus super omnia*.

Palavras de um velho

Por excepção transcrevemos o artigo que o honrado ancião e vigoroso decano dos jornalistas portugueses, sr. Joaquim Martins de Carvalho, publicou em o numero 5:088 do nosso estimavel collega *O Conimbricense*.

Transcrevemo-lo, porque é consolador encontrar um velho, respeitavel pelo seu viver honesto e sacrificios pela causa da Liberdade, que tem o desassombro de protestar contra as prepotencias e attentados de um governo de bandidos e traidores, no momento em que todos cruzam os braços na mais cynica covardia.

Segue o artigo:

CENSURA PREVIA

A Carta Constitucional determina no § 1 do artigo 145 o seguinte:— *Nenhum cidadão pôde ser obrigado a fazer, ou deixar de fazer alguma coisa, senão em virtude da lei.*

E no § 3 do mesmo artigo determina mais:— *Todos podem communicar os seus pensamentos por palavras, escriptos, e publical-os pela imprensa, sem dependencia de censura, contanto que hajam de responder pelos abusos que commetterem no exercicio d'este direito, nos casos o pela forma que a lei determinar.*

No dia 9 de julho de 1832—faz agora 64 annos—em que D. Pedro entrou no Porto com o exercito libertador, vindo dos Açores, dizia elle n'uma das suas proclamações:

«*Leaes habitantes da cidade do Porto*—A impressão agradável que em mim tem feito o interesse verdadeiro que tendes tomado pela justa causa de minha augusta filha, e pelo triumpho da Carta Constitucional corresponde á ideia que eu havia formado da vossa lealdade e do vosso patriotismo; e a adhesão que manifestastes hoje áquelles dois sagrados principios, e á minha imperial pessoa, penhoram por extremo o meu coração.

Illustres portuenses: pela vossa conducta pacifica em tão extraordinarias circumstancias e no calor do vosso enthusiasmo provastes, mais uma vez, que sois dignos de gosar dos beneficios de um governo livre e justo; as vossas esperanças não serão illudidas.

Recebei, pois, feis portuenses, em nome da senhora D. Maria II, minha augusta filha e vossa rainha, e em meu nome, a expressão do mais vivo agradecimento; e tende por certo que, se os vossos sacrificios tem sido grandes, grande hade ser a recompensa que a historia vos prepara; e que, se tendes sido victimas de um despotismo feroz e sanguinario, um governo de mansidão e justiça vem comigo cerrar as feridas, rasgadas pela oppressão e pela tyrannia.—D. PEDRO, duque de Bragança.»

Temos, portanto, segundo as disposições da Carta Constitucional:

1.º Que ninguém é obrigado a fazer ou deixar de fazer alguma coisa senão em virtude da lei.

2.º Que todos podem communicar os seus pensamentos por palavras, escriptos, e publical-os pela imprensa, sem dependencia de censura.

Além d'isso que D. Pedro, ao entrar no Porto, em 9 de julho de 1832, affiançou na sua proclamação que um governo livre, justo, de mansidão e justiça viria com elle cerrar as feridas rasgadas pela oppressão e tyrannia.

A maneira como estas determinações e promessas têm sido cumpridas todos o sabem.

Agora chegou a sua vez a esta cidade de nella se rasgarem pela auctoridade, da maneira a mais audaciosa, as disposições da Carta Constitucional e as promessas de D. Pedro.

Está restabelecida em Coimbra, em afronta á lei fundamental, a **censura previa** da época do absolutismo.

A lei de nada vale. O que nesta terra impera é o arbitrio.

Publica-se em Coimbra um periodico com o titulo de *Portugal*.

Se por acaso ha n'elle doutrina condemnavel pela lei—por essa lei, e bem dura que ella é, pôde o periodico ser julgado.

Nada mais, e nada menos. Não o entendeu assim, porém, o governo e a sua policia.

No dia de sabbado foi apprehendido o n.º 9 do *Portugal*, que na fórma do costume havia sido composto numa imprensa e impresso noutra.

Ainda mais.

Os individuos que conduziam os exemplares impressos para serem distribuidos, foram presos e remetidos para a 2.ª esquadra de policia, sendo-lhes apprehendidos os periodicos.

A arrestação da edição do periodico é um attentado contra a lei; mas a prisão dos distribuidores chega a ser uma iniquidade.

Faz-se a arrestação do *Portugal*, sem a auctoridade competente ter decidido se ha nelle criminalidade; e são presos e detidos na esquadra os individuos que nessa ignorancia estão encarregados de fazer a distribuição.

Isto é a reunião da illegalissima **censura previa** á maior das iniquidades.

Estão-se renovando em Coimbra—correctos e augmentados—os feitos heroicos do governador civil Joaquim José Dias Lopes de Vasconcellos, o terceiro dos tres *Lopes*, que tem sido governadores civis d'este districto.

De Julho a Setembro de 1844 publicou-se n'esta cidade o periodico a *Opposição Nacional*, e a auctoridade, pelo odio que em regra tem á imprensa, empregou todos os meios para o supprimir.

O ultimo expediente para isso foi pretextar que não era sufficiente a habilitação do editor.

Com esse pretexto entraram os esbirros da auctoridade na imprensa do periodico, que era ao cimo da rua do Coruche, agora do Visconde da Luz, e fizeram a apprehensão do n.º 23 de 24 de Setembro de 1844, que se estava a imprimir.

Ao favor de um amigo, que por acaso se achava na typographia naquelle acto, e que disfarçadamente conseguiu apoderar-se de um exemplar do n.º 23 da *Opposição Nacional*, devemos o possuir a colleção inteiramente completa d'esse periodico.

Agora praticam-se em Coimbra factos ainda mais aggravantes, e diz-se que ha o proposito de proceder do mesmo modo com todos os numeros que se seguirem, fazendo assim acabar o *Portugal*, como aconteceu á *Opposição Nacional* em Setembro de 1844.

No já mencionado anno de 1844 tambem em Lisboa houve uma violenta perseguição á *Revolução de Setembro*.

O governador civil José Cabral queria por todas as fórmas acabar com esse periodico.

Allegou para isso que o editor José Miguel da Costa não pagava a decima exigida pela lei.

Antonio Rodrigues Sampaio provou, com documentos, que o editor não só pagava a sufficiente contribuição, mas uma verba muito superior.

De nada quiz saber José Cabral e

continuou a perseguir a *Revolução de Setembro*.

Podia Sampaio evitar a pendencia apresentando outro editor; mas entendeu dever resistir á prepotencia da auctoridade, sustentando a legalidade do seu editor.

O governador civil fazia apprehender a typographia, onde se imprimia o periodico; prendia os compositores impressores e distribuidores, e até mandou prender o negociante Ricardo Silles Coutinho, pae do actual sr. visconde de Ouguella, onde se costumava vender o periodico.

A prepotencia chegava a apprehenderem no correio os exemplares da *Revolução de Setembro*; e se temos agora aqui á vista os numeros d'esse periodico, na lucta com o governador civil José Cabral, é por que vinham para Coimbra trazidos occultamente pelos almocreves *Magros*.

Por fim a relação de Lisboa fez justiça á *Revolução de Setembro*, ficando por essa forma esmagada a prepotencia da auctoridade.

Agora está-se repetindo em Coimbra o despotismo do governador civil de Lisboa José Cabral.

Assim como em 1844 eram apprehendidos no correio de Lisboa os exemplares da *Revolução de Setembro*, tambem no correio d'esta cidade se apprehendem actualmenté os exemplares do *Portugal!!!*

Presentemente vae-se mais longe no arbitrio, porque se não pretexta a insufficiencia do editor, o qual está legalmente habilitado. Emprega-se simplesmente a prepotencia.

O que predomina agora em Portugal é o **direito do posso, quero e mando**.

Como cidadão livre protestámos do modo o mais solemne contra tão grande arbitrariedade.

Não foi para isto que se expuseram a serem enforcados e fusilados numerosos liberaes; que muitos milhares de outros estiveram presos, sendo os seus bens sequestrados, e que houve uma lucta formidavel durante 6 annos contra a tyrannia miguelista.

Se tencionavam proceder com o despotismo que se está exercendo neste paiz, dissessem-no a tempo, para os liberaes saberem que em paga dos seus inanditos sacrificios haviam de sofrer a audaciosa arbitrariedade que todos estão presenciando.

JOAQUIM MARTINS CARVALHO

Os taberneiros e cocheiros desta cidade, enthusiasmados com as ultimas façanhas do seu collega da policia, sr. Pedro Augusto da Silva Ferrão, resolveram offerecer-lhe uma espada de honra.

A espada será de cortiça com incrustações de corno de carneiro.

Encarregado da dedicatória está o policia 69, homem de talento e coração.

O sr. commissario deve pô-la á cinta, pela primeira vez, em a noite da Rainha Sancta.

Vamos ter grossa dispersão... á certa.

Mas vamos ao passado. Eu morava na Alta; Se dava más lições nunca dava uma falta. A nossa governante era então a Gertrudes. Tu não te lembras Rocha?—Um poço de virtudes! Por companheiros tinha o Rosalino e o Burra. Este chamado assim porque não falla, zurra. E o Rosalino sim! não o posso esquecer! Ensinei-lhe a guiar, ensinou-me a escrever. Era-m'os como irmãos!

E como é bom lembrar Tudo isto que é tão longe e não torna a voltar! As noites com violões, guitarras e cachaça; O Rocha a recitar eu a fazer chalaça. Pequenas nos balcões, dinheiro na algibeira, Sem este sabre á cinta e sem outra bandeira, Que não fosse a bandeira angusta do pagode! Porque o não tinha, assim como hoje, sem bigode. E menos pança e mais amor, muito mais linha; Melhor alma talvez e muito melhor pinha.

E vae um dia o Rocha e diz-me assim gaiato: —Ferrão, você tem cara de assassino nato! E acrescentou-me ao ouvido (eu sou bastante mouco) Que houve um sabio francez que o tomou por um louco. Quanto rimos, meu Deus, quanta galhofa, quanta! O Rocha tem piada e eu não tenho tanta Como elle, mas emfim alguma tenho ainda... Bons tempos! Uma vez—ai como ella era linda!—Fomos passear os dois p'las margens do Mondego E solitario o Caes então tudo em socego, Meu braço na sua cinta, o seu no meu pescoço, Ia-me elle dizendo o *Intestino-Grosso* Quando, lembro-me bem, oh ventura infinita Nos apparece em frente uma mulher bonita. Bella! que lindo andar! que olhar! que correcção! Formosura a valer depois um bom colchão! Parei. E o Rocha então quasi tolo, sem tino, Por força a qu'rer dizer o maldito *Intestino*. Maldito não! é uma maneira de dizer. Mas *Intestino* tem tambem uma mulher Só despertou quando Ella disse de mansinho —Deixe lá os versos Rocha; Augustinho, Augustinho! Elle então estendeu-lhe a mão activo e forte Aquella mão que tanta vez susteve a morte! Elle tambem dispersa a doença e prende o p'riço; O Rocha tambem prende, o Rocha é meu amigo!

O Rocha, o grande Rocha, a cabeça primeira. Embora, como eu, tambem bote a sua asneira. D'um jornal que redige, uma aqui lhe registro: «*Alguns palemas, diz, acreditaram nisto* «*Como era natural*» Mas, poeta entre os poetas, Se isso era natural porque é que são patetas? E tu o Intelligente, e tu o Mestre, o Sabio Caes n'uma d'estas, Rocha. Porque foi que o teu labio Se não paralisou? Se eu sei que a tua penna Tal escrevia então metia-te na chena. Antes isso! Antes isso! Ai meu Rocha, que dia! Anda, diz que foi erro da typographia Ou vae já procurar uma obra esgotada E diz que ella define assim a calinada «*Palerma—é o que acredita em coisas naturaes*» (Isto ou parecido, o verso não dá mais!) Mas anda, anda depressa. O caso do *Intestino* Ninguem o acreditou. Tu nasceste n'um sino! Ha seis annos que essa obra immorredoura e bella Corre de bocca em bocca e vae d'estrella em estrella E é agora que tú, cuja modestia assombra, Abandonas a luz, vae procurar a Sombra? Não meu amigo, não! tu ficarás em bronze! Eu por mim ficarei... só entre as dez e as onze. Sempre bohemio! Sempre louco e sempre amante Mas sempre commissario e sempre culminante Dizem que nos espera aos dois o candieiro; Se assim fôr, mas não é, que sejas o primeiro!

E como a gente vem fallando mocidade Cahir na lama vil que pisa a Humanidade!

Em tudo alastra a infamia, em tudo alarga o mal; Até já tive de apprehender o «*Portugal*»! O jornal p'ra que mando os meus versos, tremente, Feitos entre um charuto e um copo de aguardente: O jornal p'ra que eu sou, em face do meu Verso, Um borracho e o maior poeta do Universo. Mas que lhe hei-de eu fazer? Da monarchia esteio Ha muito que eu não tenho um coração no seio. Ou antes tenho, sim! Mas outro coração Com fxa azul á cinta e de sabre na mão! Eu não posso ter odio á rapaziada Mas que ella tenha tino e que esteja calada; Quero que sejam bons e que sejam felizes E não é a atirar com cestos ás atrises E a dizer mal do rei, n'uma infamia sabida, Que elles poderão ser qualquer coisa na vida, Façam como eu, o Rocha, o Burra e o Rosalino E, como nós, terão então um alto destino.

Diz alguem que apprehendi o «*Portugal*», —Vilão!— Porque eu não escrevi no numero em questão; Que se eu tivesse escripto, esse numero immundo O deixaria circular por todo o mundo. Canilhas, é de mais! Pulhas, não é assim! Alguma coisa ha além do Rei e além de mim. E' o Dever, é a Justiça, a Honra, a Dignidade. E basta. P'ra se vêr que eu fallo com verdade, Juro sobre este sabre olympico que adoro, Pois que no numero seguinte eu collaboro Saindo elle, embora a elogiar o Rei Que, sem demora alguma, o apprehenderei,

Pedro Augusto da Silva, etc.

SUSPIROS & ZAGALOTES

Recordações



Oh! minha antiga vida! oh minha doce infancia! Tempos em que eu cantava, oh tempos de desordem! Cabello ao vento, a capa ao hombro e essa arrogancia Que dão duas de X e uma tricana á ordem.

Eu morava p'rá Alta. O Commissario então Era um banana e a gente—os de resolução!—Fazia-m'o-lo andar n'um badanal, coitado! Pequeno, gordo, são, de resto um malcreado. Quanta vez, quanta vez não lhe parti nas costas Fueiros até o vêr de joelhos e mãos postas! Mas quando eu tomei graú o mau velho morreu; Forçoso era morrer que esse posto era o meu!

CALEMO-NOS

Tentam esmagar a liberdade de pensar.

Na sua inconsciencia suppõe-se capazes de ir abafar a voz de protesto que ecoa, lugubrememente, em extremos oppostos, como que impellido todas as vontades a unificarem-se n'uma acção commum, para fazer baquear, n'uma derrocada tragica, illuminando com sangue as barricadas levantadas nas ruas, aquillo que presentemente estorva a marcha progressiva d'uma nacionalidade, que precisa, custe o que custar, levantar o dorso e soberguar-se n'uma lucta épica.

Se não acreditássemos no que um finado ministro disse a respeito d'um dos membros, o mais graduado, do actual gabinete, supportamos que este tinha apostado, juntamente com os seus collegas, em abater o poder d'este colosso que dura ha seculos, fazendo sempre d'este paiz patrimonio seu. Umas vezes levando-o a aventuras, gloriosas, é certo, mas odiosas, como essas luctas que encham toda a primeira dynastia, desde as ambiciosas pretensões de Affonso Henriques, até ás loucas intenções do rei-formoso, com respeito ao dominio de Castella; outras vezes arrebatando-o n'uma rede de glorias, a varias empresas tenebrosas, como a essa horrorosa carnificina effectuada em Alacer-Kibir, em que acabou, essa dynastia, de diametraes intenções, democratica com João I, absolutista com João II, theocratica com o odioso jesuita João III e, em ultimo caso, alienadora com esse turvo personagem do Cardeal D. Henrique, que nos arremessou vilmente nos braços dos Philippes,

(«que legou em testamento «Portugal aos castelhanos»

dizia uma trova popular d'essa epocha) e ainda outras vezes dando-nos como padroeira a Nossa Senhora da Conceição, como aconteceu com uma vergonteia do ramo brigantino, que nos dá ainda um louco como Affonso VI, um adúltero como Pedro II, uma intelligencia como o excelso filho da mentecapta Maria I, o qual, por sua vez, nos presenteou com dois descendentes grandiosos, os queridos filhos da Carlota Joaquina, que, para satisfazerem as suas ambições pessoais, arrastam o paiz a umas luctas que nos dão como resultado, em ultima batalha, a da Asceiceira, uma altiva D. Maria II, grandiosa avó da magestade portugueza — o excelso e sempre alegre Carlos I.

Sim, se não acreditássemos no dito, filho da experiencia, do finado Lobo d'Avila, estavamos convencidos de que era como obra republicana que praticavam todos os grandes attentados com que pretendem embaraçar a livre expensão do pensamento!

Mas não. E' no intuito de abolir todas as regalias com que a Carta, — desgraçada Carta! — nos mimoseia.

Quando o pensamento pedir liberdade como os pulmões pedem

ar, quando, em virtude de direitos imprescriptiveis, exigiamos que se abolisse a Carta, mas para avançarmos, ella é, — triste verdade — realmente abolida mas justamente d'aquillo que a influencia democratica exigiu que ahí se estatuísse. Protestar? Como?

Calemo-nos porque assim nos é exigido, calemo-nos porque encommoedamos os altos dignatarios, calemo-nos porque em frente de tanta indignidade não é licito que ergamos a voz.

Mas guardemos bem no nosso peito o culto á liberdade.

Mas juremos perante as nossas consciencias que jamais consentiremos que nos sejam usurpados os direitos a que temos indiscutivel jus, animando-nos na esperanza de melhores dias.

Até lá, silencio!
Porto — 2-7-96.

José DE MACEDO.

Os dois jornalistas hamburguezes que estão no Porto, em viagem á volta do mundo, tem ali praticado certas proezas.

Sabemos que esses dois jornalistas são o Sergio e o Navarro, disfarçados em hamburguezes.

Ora os mariolas...

RELOGIO

Já foi entregue ao ex.^{mo} sr. dr. Julio Augusto Henriques, digno presidente da sociedade philantropica-academica, o relógio depositado na redacção d'este jornal.

O VÉTO

A representação nacional ficaria reduzida ao injurioso papel de apresentar ao chefe do poder as medidas, ainda as mais bem combinadas, e este poderia responder, na phrase enérgica de Borges Carneiro, *não quero*.

O que é a representação nacional deante d'este poder? E' um servo, que apenas ousa fazer humildemente algumas observações ao seu senhor.

Se para a boa execução das leis é mister que ellas sejam approvadas pelo chefe do poder executivo, por que se não ha de conceder igual faculdade a qualquer outro funcionario subalterno d'esta execução? Se o argumento invocado possesse colher, era logico permittir a todos os funcionarios, e a qualquer cidadão a faculdade de desobedecer á lei com o pretexto de não concordar com ella.

Não, não é preciso que o chefe do poder executivo approve a lei para que a faça executar com zelo; basta que respeite a soberania nacional, e que saiba cumprir o seu dever.

Entre os argumentos invocados, para sustentar a prerogativa real do véto destaca-se em primeiro logar o da *fallibilidade* da assembléa legislativa. Benjamin Constant e Destri-vaux, Silvestre Pinheiro e todos os publicistas que admittiram o véto,

apresentaram-no principalmente como um remedio salutar contra os desvios da representação nacional; pois que, podendo sahir do seio d'esta uma lei injusta e prejudicial á nação, era necessario obviar a este mal, concedendo ao chefe do poder executivo a faculdade de a rejeitar.

No entender d'estes escriptores, a auctoridade real é o crisol por onde devem passar todas as medidas legislativas, para se purificarem das imperfeições humanas.

Nós não negamos a *fallibilidade* do corpo legislativo; sabemos perfeitamente que elle pode errar nas suas deliberações; que não ha instituição, por mais sabiamente organizada, que possa evitar os defeitos que acompanham sempre todas as combinações humanas. Mas quem nos assegura da infallibilidade do monarcha para garantia de uma auctoridade tão extraordinaria? Pois não podemos admittir, que o voto de um homem, a não ser dotado dos attributos da Divindade, possa prevalecer contra as deliberações previamente meditadas e discutidas pelos representantes da soberania nacional, e supplantar a opinião de uma assembléa illustrada, que se deve considerar sempre animada do desejo de promover a felicidade do povo por meio de leis sabias e justas? Pelo menos seria necessario provar-se que em tal caso haveria maior probabilidade de acertar; porém todas as considerações nos convencem exactamente do contrario.

A superioridade do corpo electivo e representante é neste ponto incontestavel.

Todos sabem as vantagens que offerece uma collectividade de individuos, quando se trata de tomar uma deliberação importante, e de formular disposições geraes e duradouras, como são as leis que hão de regular os direitos dos cidadãos: o numero, a variedade de conhecimentos, que suppõe necessariamente uma assembléa representante, aonde todas as opiniões são publicamente discutidas; e o conhecimento especial que tem cada um de seus membros das necessidades dos povos, com quem vivem em contacto, são outros tantos elementos da sua maior competencia, que nos asseguram, que ninguem está mais no caso de avaliar a importancia e a utilidade das leis.

O rei vive em um centro muito afastado, e não pode comprehender os males que affligem o povo, nem inspirar-lhe a confiança que este deposita nos seus representantes eleitos; porque o rei *nasce*, e ninguem o elege.

D'aqui provem uma consideração digna de se notar, e que tem sido ponderada por alguns escriptores, entrando neste numero até aquelles que se mostraram favoraveis ao véto.

(Continúa)

Manuel Joaquim Massa,
actual secretario geral do districto de Coimbra e velho republicano.

e verrinoso, ha apenas um capitulo repousado, calmo como uma visão de crepusculo, — oasis cheio de frescura e agasalho no meio d'este aspeito desfilir de acontecimentos. Nelle revivi um pouco o passado, e nelle, de novo, tive sob os olhos uma pagina já voltada da mocidade. Ao escreve-lo, submerso pela onda phantastica d'uma velha fé e embalado pelo susurro longinquo d'uma antiga crença, não sei bem se rovigorei uma esperanza ou se abri a porta d'um desespero. Tão incertos correm os tempos e tão incoherente é o esforço dos homens... O que eu calculo, porém, é que, nesse capitulo, deve vibrar um pouco do rumor que resoou no peito d'aquelles que, numa noite agitada, quizeram dar o sangue moço pela republica. Todos nós temos assim, ao longo da vida, factos insolitos, que são outras tantas placentas, onde a gente vive a sua vida, mas onde vive tambem a vida dos outros...

Refiro-me ao capitulo em que descrevo o 31 de janeiro em Coimbra. Pena tenho eu de não poder

citar todos aquelles que se votaram com intrepidez ao risco das armas. Principalmente fazendo algumas vezes referencia á minha pessoa, o mais humilde de todos os combatentes d'esse dia. Mas bem se vê que era impossivel, num trabalho d'esta ordem, o primeiro proposito e necessario o segundo.

A impossibilidade do primeiro é bem de vêr numa descripção feita á flôr dos successos. A necessidade do segundo resalta do facto de a calumnia, pela força das circumstancias, bater especialmente á minha porta.

Mas ainda um dia, se tiver algumas horas repousadas, hei de fazer a historia d'essa geração amavel e violenta, para que seja conhecida, entre os lassos espiritos do nosso tempo, o arrojo temerario da sua envergadura.

Será, então, esse o momento para traçar, embora incompetentemente, a historia do partido republicano de Coimbra, tão valido pelo talento e dedicação dos seus homens. Na verdade, só será bem feita a historia das ideias revolucionarias em

Ha em Coimbra muita raridade digna de vêr-se. Faltavam, porém, as irmãs da caridade.

Cá estão, no convento de Santa Clara, com o voto do sr. Bispo Conde, com gaudio d'alguns lentes da Universidade, entre os quaes avulta, pelo corpo, o sr. Sousa Gomes e com o assentimento d'alguns membros do illustre corpo commercial.

Tudo isto de mãos dadas com as candidas irmãsinhas.

Para isto, pedimos simplesmente umas esfregas de cacete.

PUBLICAÇÕES RECEBIDAS

Mala da Europa — Recebemos o n.º 52 d'esta importante revista de que é director politico o sr. dr. Francisco Ferraz de Macedo.
Agradecemos.

Recebemos o n.º 74 da apreciavel **Revue Blanche**, correspondente a 1 de julho de 1896, cujo summario é o seguinte:

Maurice Beaumont: *De la liberté et du théâtre.* — Jacques St-Cère: *Colonies! Colonies!* — Louis Ménard: *Le vrai Hamlet.* — Gustave Kahn: *La vie mentale.* — Sédil: *Chronique de l'occultisme.* — L. P. de Brinn: *Gaubast: Les Lettres portugaises (Eugenio de Castro).* — Romain Coelus: *Notes dramatiques.* — Edmond Consturier: *L'Exposition internationale du Livre.* — Léon Blum: *Les Livres.*

Paris, rue Laffitte, 1. — Le numero: 60 centimes. — 12 fr. (France) et 15 fr. (Extérieur) par an.

Recebemos o n.º 13 do **Jornal de Viagens**. Summario:

TEXTO — Monumentos e consagrações: *A collegiada de Guimarães.* — A instrucção nacional: *O ensino da lingua pelo alfabeto natural.* — *Ainda as avalanches.* — *O S. João.* — Phenomenos da natureza: *O Lago de Sangue.* — *O tunulo do Cid.* — *A Palestina.* — As grandes aventuras: *Sem-Cinco-Reis.* — Descoberta do Brazil (?): *João Ramalho (O Bacharel).* — Historia da Geographia: *Origem do nome da Galliza.* — *Pelo mundo: Lagosta gigante.* — Um lobishomem. O espirito entre os selvagens. Um restaurante de papel. Um barco submarino. As tempestades na terra e no mar. Archeologia prehistorica da Luzitana. Varias noticias.

GRAVURAS — *Igreja de Santa Maria de Oliveira em Guimarães.* — *S. João da Ponte em Braga.* — *O tunulo do Cid.* — *Abacaxo de palas, patifes!* exclamou o gentleman. — *Indio Tamoyo.*

Preço da assignatura: trimestre 750 réis, provincias 800, pagamento adiantado.

Toda a correspondencia deve ser dirigida a Deolindo de Castro, rua das Tappas n.º 29, ou á Typographia Occidental, rua da Fabrica, Porto.

ADVOGADO

Frederico Guilherme Nunes de Carvalho

RUA DA SOPHIA, N.º 56

Eduardo Mendes Simões de Castro — Tirem o chapéo e calem-se que passa um espião.

Coimbra, abrangendo, na mesma descripção, os dois grupos que, nos ultimos annos, caminharam unidos sob a direcção espirital de José Falcão, o grande morto inolvidavel, de quem, na hora tragica da sua morte, um republicano de Coimbra — Antonio Augusto Gonçalves — disse ser o athleta destinado á disciplinação das nossas energias, e a quem um estudante — Affonso Costa — appellidou de nosso mestre, nosso inspirador, nosso propheta, e a quem outro estudante — João de Menezes — chamou a crystallisação d'um sonho da nossa mocidade.

E' longo e fastidioso este livro. Nem podia deixar de ser. Era preciso narrar todos os pequenos incidentes, para se avaliar de quem tem a razão pelo seu lado. Não tive preoccupações litterarias, nem a pretensão de deleitar. O que se tornava urgente era dizer o preciso, para a minha situação ficar esclarecida.

Os srs. lentes de medicina têm agora a palavra para me contradizer.

AO PUBLICO

O PHYMDEL

Este abjecto garoto, rabiscador grotesco que no *Primeiro de Janeiro* costuma insultar aquelles que, por hygiene, deixam de apertar-lhe a mão, escoucêa-me, indigna e insidiosamente, em uma das suas ultimas *correspondencias*.

Já o esperava. Agradeço-lhe o termo insultado, pois toda a gente sabe que os seus elogios são pagos. E' um malandrim que se aluga a todos e para todo o serviço.

Não venho responder ao biltre, pôdre no corpo e com a alma malignada, porque não chegou a attingir-me com as suas invectivas de gallego, bafos avinhados d'aquella bocca asquerosa e repellente na devassidão torpe dos seus vícios repugnantes.

Comtudo, o depravado salteador da honra, alludindo a uma perseguição infamissima de que fui victima, obriga-me a citar, ao publico, um facto, documento tristissimo da baixesa do mais infimo pandilha.

Antes, porém, um parenthesis: se é certo que ainda não liquidei essa perseguição, o saldo virá a seu tempo, quando as fauces do *fóro academico*, para mim, se tenham fechado. E então vêr-se-ha a justiça da sentença e a verdade da infamia.

Mas, vamos ao que importa:

1.º — Phymdel offereceu-se para testemunha de defesa, e contradicta, juntamente com o sr. R. S., de uma testemunha de accusação;

2.º — Muitas vezes, perante varios cavalheiros, Phymdel declarava, insistentemente e sem ser rogado, que a sentença tinha sido *uma pouca vergonha, que admirava o meu character activo e franco, e principalmente jámais oblidaria o facto de eu ter sido um dos poucos individuos que com elle mantinham relações, quando uma perseguição monstruosa (dizia) se movia contra elle.* (Assim que me convenci de que o despresavam justamente recusei-lhe tambem a mão.)

Não deve assombrar, pois, o procedimento vil do famigerado denunciante...

Devia escarrar-lhe na cara e chicotea-lo. Só o farei se elle insistir em que prove a ausencia de rheumatismo dos meus musculos.

De resto para quê bater-lhe? E' um pulha, um covarde nojento que no dia 8 de Junho do anno proximo passado, quando pretendia esbofetea-lo, rogou misericordiosamente que o deixasse; se fosse agora a bater-lhe, daria um tiro para o ar, quando muito. E' incapaz de mais...

Finalmente, para o lixo esse despresivel bandalho com todos os vícios, esse obsceno canalha, fôco infeccioso, de que me afastei por cautela, pois corrupto, em extremo, não sei tambem se é ladrão.

Para o acreditar resta sómente que venham dizer-me:

Phymdel roubou um lenço.

A. Leitão.

Creio que ss. ex.^{as}, mesmo depois do dia 30 de julho, se têm occupado das minhas ideias e do meu *feito*, aventando razões de ser para os propositos d'esse livro e para as suas origens proximas ou remotas. Façam favor de desembuchar, porém. Tão sabios portentos não devem ficar silenciosos.

Pela minha parte, folgarei que a publico venham novas calumnias. Ficarei assim auctorizado, perante a propria consciencia, a dizer o que ainda hoje não quero revelar.

Aproveito esta occasião para declarar que, nas expressões com que me dirijo á faculdade de medicina, além dos illustres professores especialmente citados, me não refiro aos drs. Lucio Martins da Rocha e Francisco José da Silva Basto. Ss. ex.^{as} foram providos lentes posteriormente a estas questões. Merecem, de resto, a minha mais plena consideração.

Valle da Vinha,
23 de outubro de 1895

(Continúa)

FOLHETIM

ANTONIO JOSÉ D'ALMEIDA

DESAFFRONTA

(Continuação)

Todavia, porque sempre fui bem mais bem leal do que elles, tornei, desde o principio, publico e notorio o proposito, em que me achava, de proceder, mais tarde, ao ajuste de contas. O sr. Augusto Rocha, mesmo, foi d'isso bem claramente avisado, nas columnas da *Resistencia*, quando eu ainda estava sob a alçada do seu *verdictum*. Assumi a tempo e a horas as responsabilidades dos meus actos e a minha attitude não sahe d'um esconderijo, envolta na astucia e levando chumbada a grilheta da cobardia.

Neste livro um pouco ardente

1 Vid. doc. n.º 1.

A' venda a 2.^a edição (com o retrato do auctor) de:

ANTONIO JOSÉ D'ALMEIDA

DESAFFRONTA

(HISTORIA D'UMA PERSEGUIÇÃO)

LIVRARIA MODERNA

19, L. do Principe D. Carlos, 25

COIMBRA

PREÇO 300 RÉIS

PELO CORREIO 330 RÉIS

OS CALLOS

Extrahem-se radicalmente com a pomada preparada pelo pharmaceutico

F. A. R. Pereira

Deposito geral: Pharmacia Pereira, Soure, e em Coimbra na Drogeria Rodrigues da Silva & C.^a, rua Ferreira Borges, 28 a 34.

Envia-se pelo correio, franco de porte

ULTIMA NOVIDADE LITTERARIA

A Patria e João de Deus

(A' MEMORIA DO GRANDE MESTRE)

Livro dedicado ás academias do paiz e em especial ás de Lisboa, Porto e Coimbra

Collaborado pelos principaes escriptores portuguezes, sob a direcção litteraria de Leopoldo Mera,

A' venda em todas as livrarias. Preço 200 réis. Pedidos ao director litterario—Alcacer do Sal.

Pharmacia do Castello

Premiada em varias exposições
FUNDADA EM 1859



N'este estabelecimento, permanentemente dirigido por pessoa habilitada, encontra o publico o mais completo sortido de productos chimicos e pharmaceuticos, instrumentos cirurgicos, artigos de penso, algalias, mamadeiras, seringas de todos os systemas e applicações, meias elasticas, irrigadores de Esmarch, Eguisier, etc., etc., stetoscopios, pulverisadores, forceps, aguas mineraes nacionaes e estrangeiras, etc.

Tomam-se quaesquer encomendas de França ou Allemanha mediante pequena commissão.

Aviam-se formulas homeopathicas.

CAMILLO & COSTA
Largo do Castello—COIMBRA

DEPOSITO DE BANDEIRAS

E DE

Todos os artigos para ornamentações de festejos

SERIO VEIGA

COIMBRA

66—RUA DA SOPHIA—68

N'este deposito, o primeiro no seu genero n'esta cidade, encontra-se para alugar um variado sortimento de bandeiras de diferentes tamanhos e gostos, assim como: arcos, columnas, pedestaes, postes, estatuas em tamanho natural, vasos escudetes, escudos, flozeiras, lanternas de vidro branco e de outras côres, balões venezianos, balões á crivas, balões de movimento, etc.

COPIOGRAPHOS

Unico estabelecimento

EM

COIMBRA
NO CENERO

43, RUA DA SOPHIA, 45

Pianos, Bicycletes, Machinas de costura, artigos electricos, etc., etc.

Vendas a prompto pagamento e a prestações.

Correspondente de emigração para todos os estados da Republica do Brazil.

Passagens gratuitas.

A. S. DE CARVALHO

43, Rua da Sophia, 45

COIMBRA

NOVIDADES

Bilhetes postaes illustrados

PREÇO DE CADA UM, 10 REIS

Photographias do bohemio Augusto Hylario, a 300 e 600 réis.

O QUE É SER SOCIALISTA
PREÇO, 50 REIS

Na loja de

ALBERTO VIANNA

Largo da Sé Velha
COIMBRA

Julião A. d'Almeida & C.^a

20—Rua de Sargento Mór—24

COIMBRA

N'este antigo estabelecimento cobrem-se guarda-soes, com boas sedas de fabrico portuguez. Preços os mais baratos.

Tambem teem lãsinhas finas e outras fazendas para coberturas baratas.

Receberam ultimamente um sortido de sarja de seda de variadas côres, para guarda-soes e sombrinhas de senhoras.

O que ha de mais chic.

para reproducções de manuscritos, circulares, avisos, preços correntes, sebatas, etc., etc.
Garante-se 60 copias.

SERIO VEIGA—Sophia—COIMBRA

OFFICINA

DE

Bernardino d'Almeida Coelho

VIZEU

N'esta officina, onde se fazem e concertam carros com toda a perfeição e por preços sem rival, estão á venda os seguintes carros:

Um *phaiton*, pintado e estofado, podendo ser para um ou dois cavallos.

Um *dogcar* de caça de 4 rodas, para um cavallo.

Um *break* montado em meias mollas e comportando 12 pessoas.

Grande Livraria

Portugueza e Estrangeira

DE

MANUEL DE ALMEIDA CABRAL

163, Rua da Calçada, 165—COIMBRA

Livros em todos os idiomas.
Expedições rapidas.

Antonio Ambrosio

6, Adro de Cima (a S. Bartholomeu), 7

COIMBRA

Bandeiras para cordas e paus, de diferentes tamanhos; ditas com galhardetes e outros ornatos, tambem de diferentes tamanhos.

Grande variedade de balões venezianos, copos de côr, lanternas e escudos, que tudo aluga por preços commodos.

Este estabelecimento, o mais antigo n'este genero, foi o que forneceu a ornamentação para os festejos de Camões.

BALÕES AEROSTATOS



Fabricam-se de diferentes gostos, com lindas e variadissimas côres, para fazer subir em arraias, medindo de 0^m,90 até 6^m,0, regulando os seus preços de 40 a 600 réis.

SERIO VEIGA—Sophia—COIMBRA

BIBLIOTHECA INTERNACIONAL

Collecção de obras primas de todas as litteraturas, antiga e moderna

Acaba de apparecer o 3.^o volume: CARTAS AMOROSAS d'uma religiosa portugueza, traducção de Filinto Elysió.—1.^o vol.—João de Deus—Poesias. 2.^o vol.—Fialho d'Almeida—Madona do campo santo.

Preço de cada volume cuidadosamente impresso em bom papel com o retrato do auctor—100 réis.

Successivamente serão publicados volumes de: Dr. Theophilo Braga, Gabriele d'Annunzio, Emile Zola, Eça de Queiroz, Balzac, etc., etc.

Para assignar basta enviar o nome e morada a

LIVRARIA MODERNA—Coimbra.

A cobrança será feita pelo correio, por series de 5 volumes.

ANTIGA DROGARIA AREOSA

José Figueiredo & C.^a

25, Montarroio, 33

COIMBRA

Deposito da sociedade de perfumarias hygienicas e antisepticas de Bordeaux, das do Dr. Bousset, e da Empreza das Aguas Minerio-Medicinaes de Entre-os-Rios.

Artigos para Photographia. Chapas allemãs, francezas e inglezas. Cartões, papel preparado e mais productos proprios para a photographia.

Fornecimentos para Pharmacia. Productos chimicos e especialidades pharmaceuticas das melhores procedencias. Perfumarias de diferentes qualidades.

Cimentos inglezes, de diferentes marcas garantidas.

Sulfato de cobre para as vinhas, garantido a 99 %.

Preços resumidos. Vendas por junto e a retalho.

LIVRARIA MODERNA

Augusto d'Oliveira

L. do Principe D. Carlos, 19 a 25

COIMBRA

Grande sortimento de livros de educação e ensino primario e secundario.

Satisfazem-se no minimo prazo possivel todas as encomendas dos livros que não haja em deposito.

Correspondencia com todos os centros litterarios estrangeiros.

Assignaturas para todos os jornaes e revistas ao preço de 240 réis o franco.

Resposta a toda a correspondencia na volta do correio.

Fornecem se catalogos de livros de todas as especialidades a quem os requisite.

EM PUBLICAÇÃO

REVISTA BIBLIOGRAPHICA, catalogo mensal annunciando tudo o que de novo appareça no mundo litterario.

Distribuição gratis a todas as pessoas que nos honrarem com as suas compras.

PORTUGAL

Orgão dos estudantes republicanos

Redacção e administração

RUA DE SÁ DE MIRANDA, 36

COIMBRA

ASSIGNATURAS

(PAGAMENTO ADIANTADO)

Trimestre 150 réis
Semestre 300 »
Anno 600 »

Publicações e annuncios

(PREÇOS)

1.^a pagina, por linha 400 réis
2.^a » » » 200 »
3.^a » » » 60 »
4.^a » » » 20 »

Os senhores assignantes tem abatimento de 50 %.

Publicam-se, gratis, todas as communicações de interesse geral, que nos sejam fornecidas.

Communicados de interesse particular e annuncios permanentes, contracto especial.

Não se restituem os autographos, sejam ou não publicados.

EDITOR—J. M. S. Nazareth

Typ. e Lit. Minerva Central—Rua da Sophia—COIMBRA

A' venda a 2.^a edição (com o retrato do auctor) de:

ANTONIO JOSÉ D'ALMEIDA

DESAFFRONTA

(HISTORIA D'UMA PERSEGUIÇÃO)

LIVRARIA MODERNA

19, L. do Principe D. Carlos, 25

COIMBRA

PREÇO 300 RÉIS

PELO CORREIO 330 RÉIS

OS CALLOS

Extrahem-se radicalmente com a pomada preparada pelo pharmaceutico

F. A. R. Pereira

Deposito geral: Pharmacia Pereira, Souré, e em Coimbra na Drogaria Rodrigues da Silva & C.^a, rua Ferreira Borges, 28 a 34.

Envia-se pelo correio, franco de porte

ULTIMA NOVIDADE LITTERARIA

A Patria e João de Deus

(A' MEMORIA DO GRANDE MESTRE)

Livro dedicado ás academias do paiz e em especial ás de Lisboa, Porto e Coimbra

Collaborado pelos principaes escriptores portuguezes, sob a direcção litteraria de Leopoldo Mera.

A' venda em todas as livrarias. Preço 200 réis. Pedidos ao director litterario—Alcacer do Sal.

Pharmacia do Castello

Premiada em varias exposições
FUNDADA EM 1859



N'este estabelecimento, permanentemente dirigido por pessoa habilitada, encontra o publico o mais completo sortido de productos chimicos e pharmaceuticos, instrumentos cirurgicos, artigos de penso, algalias, mamadeiras, seringas de todos os systemas e applicações, meias elasticas, irrigadores de Esmarch, Eguisier, etc., etc., stetoscopios, pulverisadores, forceps, aguas mineraes nacionaes e estrangeiras, etc.

Tomam-se quaesquer encomendas de França ou Allemanha mediante pequena commissão.

Aviam-se formulas homeopathicas.

CAMILLO & COSTA

Largo do Castello—COIMBRA

DEPOSITO DE BANDEIRAS

E DE

Todos os artigos para ornamentações de festejos

SERIO VEIGA

COIMBRA

66—RUA DA SOPHIA—63

N'este deposito, o primeiro no seu genero n'esta cidade, encontra-se para alugar um variado sortimento de bandeiras de diferentes tamanhos e gostos, assim como: arcos, columnas, pedestaes, postes, estatuas em tamanho natural, vasos escudetes, escudos, floeiras, lanternas de vidro branco e de outras cores, balões venezianos, balões á crivas, balões de movimento, etc.

COPIOGRAPHOS

para reproduções de manuscritos, circulares, avisos, preços correntes, sebatas, etc., etc.
Garante-se 50 copias.

SERIO VEIGA—Sophia—COIMBRA

Unico estabelecimento

EM

COIMBRA
NO GENERO

43, RUA DA SOPHIA, 45

Pianos, Bicycletes, Machinas de costura, artigos electricos, etc, etc.

Vendas a prompto pagamento e a prestações.

Correspondente de emigração para todos os estados da Republica do Brazil.

Passagens gratuitas.

A. S. DE CARVALHO

43, Rua da Sophia, 45
COIMBRA

NOVIDADES

Bilhetes postaes illustrados

PREÇO DE CADA UM, 10 REIS

Photographias do bohemio Augusto Hylario, a 300 e 600 réis.

O QUE É SER SOCIALISTA
PREÇO, 50 REIS

Na loja de

ALBERTO VIANNA

Largo da Sé Velha
COIMBRA

Julião A. d'Almeida & C.^a

20—Rua de Sargento Mór—24
COIMBRA

N'este antigo estabelecimento cobrem-se guarda-soes, com boas sedas de fabrico portuguez. Preços os mais baratos.

Tambem teem lãsinhas finas e outras fazendas para coberturas baratas.

Receberam ultimamente um sortido de sarja de seda de varias cores, para guarda-soes e sombrinhas de senhoras.

O que ha de mais chic.

OFFICINA

DE

Bernardino d'Almeida Coelho

VIZEU

N'esta officina, onde se fazem e concertam carros com toda a perfeição e por preços sem rival, estão á venda os seguintes carros:
Um phaeton, pintado e estofado, podendo ser para um ou dois cavallos.

Um dogcar de caça de 4 rodas, para um cavallo.

Um break montado em meias molas e comportando 12 pessoas.

Grande Livraria

Portuguesa e Estrangeira

DE

MANUEL DE ALMEIDA CABRAL

163, Rua da Calçada, 165—COIMBRA

Livros em todos os idiomas. Expedições rapidas.

Antonio Ambrosio

6, Adro de Cima (a S. Bartholomeu), 7

COIMBRA

Bandeiras para cordas e paus, de diferentes tamanhos; ditas com galhardetes e outros ornatos, tambem de diferentes tamanhos.

Grande variedade de balões venezianos, copos de côr, lanternas e escudos, que tudo aluga por preços commodos.

Este estabelecimento, o mais antigo n'este genero, foi o que forneceu a ornamentação para os festejos de Camões.

BALÕES AEROSTATOS

Fabricam-se de diferentes gostos, com lindas e variadissimas cores, para fazer subir em arraias, medindo de 0^m,90 até 6^m,0, regulando os seus preços de 40 a 600 réis.

SERIO VEIGA—Sophia—COIMBRA

BIBLIOTHECA INTERNACIONAL

Collecção de obras primas de todas as litteraturas, antiga e moderna

Acaba de apparecer o 3.^o volume: CARTAS AMOROSAS d'uma religiosa portugueza, traducção de Filinto Elysis.—1.^o vol.—João de Deus—Poesias. 2.^o vol.—Fialho d'Almeida—Madona do campo santo.

Preço de cada volume cuidadosamente impresso em bom papel com o retrato do auctor—100 réis.

Successivamente serão publicados volumes de: Dr. Theophilo Braga, Gabriele d'Annunzio, Emile Zola, Eça de Queiroz, Balzac, etc., etc.

Para assignar basta enviar o nome e morada a

LIVRARIA MODERNA—Coimbra.

A cobrança será feita pelo correio, por series de 5 volumes.

ANTIGA DROGARIA AREOSA

José Figueiredo & C.^a

25, Montarroió, 33

COIMBRA

Deposito da sociedade de perfumarias hygienicas e antisepticas de Bordeaux, das do Dr. Bousset, e da Empresa das Aguas Minero-Medicinaes de Entre-os-Rios.

Artigos para Photographia. Chapas allemãs, francezas e inglezas. Cartões, papel preparado e mais productos proprios para a photographia.

Fornecimentos para Pharmacia. Productos chimicos e especialidades pharmaceuticas das melhores procedencias. Perfumarias de diferentes qualidades.

Cimentos inglezes, de diferentes marcas garantidas.

Sulfato de cobre para as vinhas, garantido a 99 %.

Preços resumidos. Vendas por junto e a retalho.

LIVRARIA MODERNA

Augusto d'Oliveira

L. do Principe D. Carlos, 19 a 25

COIMBRA

Grande sortimento de livros de educação e ensino primario e secundario.

Satisfazem-se no minimo prazo possivel todas as encomendas dos livros que não haja em deposito.

Correspondencia com todos os centros litterarios estrangeiros.

Assignaturas para todos os jornaes e revistas ao preço de 240 réis o franco.

Resposta a toda a correspondencia na volta de correio.

Fornecem-se catalogos de livros de todas as especialidades a quem os requisite.

EM PUBLICAÇÃO

REVISTA BIBLIOGRAPHICA, catalogo mensal annunciando tudo o que de novo appareça no mundo litterario.

Distribuição gratis a todas as pessoas que nos honrarem com as suas compras.

PORTUGAL

Orgão dos estudantes republicanos

Redacção e administração

RUA DE SÁ DE MIRANDA, 36

COIMBRA

ASSIGNATURAS

(PAGAMENTO ADIANTADO)

Trimestre 150 réis
Semestre 300 »
Anno 600 »

Publicações e annuncios

(PREÇOS)

1.^a pagina, por linha 400 réis
2.^a » » » 200 »
3.^a » » » 60 »
4.^a » » » 20 »

Os senhores assignantes tem abatemento de 50 %.

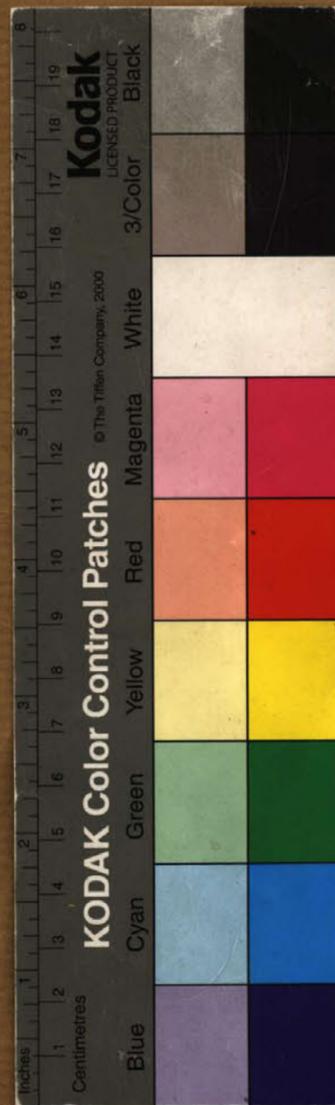
Publicam-se, gratis, todas as communicações de interesse geral, que nos sejam fornecidas.

Communicados de interesse particular e annuncios permanentes, contracto especial.

Não se restituem os autographos, sejam ou não publicados.

EDITOR—J. M. S. Nazareth

Typ. e Lit. Minerva Central—Rua da Sophia—COIMBRA



PORTUGAL

BIBLIOTECA MUNICIPAL

N.º 81.736

COIMBRA

ORGÃO DOS ESTUDANTES REPUBLICANOS

NUMERO AVULSO, 10 RÉIS

1.º anno

Coimbra, 14 de abril de 1896

Numero 1

Apparece um jornal:

— a velha hypocrisia portugueza atira-lhe ás columnas um artigo programma; pretexto apenas para uma doirada mentira. Intransigencia, moralidade, desinteresse, amor de patria, defeza dos humildes, todo um desdobrar de altivos sentimentos apregoados, veem, á flor do typo de impressão, erguer a voz de mais uma consciencia que se diz revoltada. Peneirada a rhetorica saloia, descortina-se detraz do papel um grupo de malandros agachados na maroteira: — são os que vão ás camaras, os que vestem a libré de ministros, os que nos roubam, nos deshonram, e, para certeza de impunidade, nos fazem calar, prendendo-nos.

E a onda cresce sempre...

E' olhar em volta essa nauseante coisa que se chama o jornalismo portuguez: — turba de quadrilheiros, fugidos por cobardia das estradas onde se joga a vida, atacam-nos assim, dentro da Lei e em nome d'ella, a bolsa e a liberdade.

— Não se chamam ladros; dizem-se a opinião publica.

Se alguém, mais honesto ou mais ingenuo, tem um impulso de revolta justiceira, cara lhe fica a dignidade da penna: — do publico tem indiferença; dos collegas, abandono; da justiça, cadeia. Que o digam os raros jornalistas honrados.

De resto, a dignidade na imprensa não tem credito; elles andam por ahi, em todas as mãos, mercantis e sabujos, os jornaes mais conceituados, desde as *Novidades ao Seculo*. Dos que os escrevem todos conhecem os nomes; repetil-os, seria um insulto a bandidos e traidores.

E, no entretanto, os artigos programmas ahi estão, sob os olhos de quem os queira lér, a affirmarem bem alto, em phrase campanuda e traiçoeira, que a sua missão é de pureza e de justiça, de honestidade e de desinteresse, de moralidade e de civilisação.

Que taes os farçantes?!

Não faremos como elles.

Inutil é justificar com programmas a missão que somos chamados a cumprir na vida nacional; pelo que fizemos, não pelo que promettermos, havemos de ser julgados.

Pela Patria queremos a Republica, pela Republica a revolução. Nada mais claro, nada mais definido, nada mais simples.

A dependencia e o medo não os prenderam ainda os pulsos, estomago não nos emmudeceu ainda a consciencia; assim, sem compromissos e sem transigencias, umes n'um grande desprezo pelos

applausos ou pelas censuras, queremos nós, certos apenas da força da nossa fé.

Por ella luctamos, venceremos por ella.

O padre Antonio Candido, orador fallido, professor da faculdade de direito na Universidade, ajudante do procurador geral da corôa, foi nomeado membro do conselho administrativo da companhia do credito predial.

Como a monarchia os engorda...

OFFENSAS Á ARTE

Tem sido repetidas vezes condemnada na imprensa a impericia cega, que se tem desmandado em irremissiveis dislates na restauração de Santa Cruz; abusivos erros na Sé Velha; e pretensões inhabeis no paço episcopal.

A reprovação pôde dizer-se geral, se attendermos a que nem uma palavra de defesa se contrapõe ás accusações formuladas.

Todavia as obras proseguem, arrastadas pela mesma carencia de tino. Ao sr. Franco Frazão não apraz parar, nem corrigir-se.

Este homem bilioso, desorientado e fraco arrega-se o direito de ser superior á opinião publica, que se jacta de desprezar!

Corta uma arvore. Se reclamam, corta vinte!

Arrasa uma parede. Se o exprobam, deita abaixo um edificio!

Julga que reconsiderar é fraqueza; e pretende blasonar de forte!

Assim tem conseguido desprestigiar-se em episodios antipathicos, que ficam como certificados incontestaveis de inaptidão vexatoria.

Na igreja de Santa Cruz ponde astutamente declinar culpabilidade na commissão dos monumentos nacionaes; mas os delictos que destemidamente perpetrou, por bamburrio de perversidade, na Sé Velha não de ficar-lhe marcados na pelle, como uma tatuagem obscena!

Quanto ao paço episcopal, essa estupenda aberração pertence á jurisdicção da troça; e, como tal, será relaxado ao barão penal do ridiculo!

O sr. Franco Frazão alimenta esta persuasão piccaresca: se n'um grande parallelepipedo abrir por todos os lados janellas em parodias, mais ou menos minguadas e reles, de apparencia chinesa, gothica ou renascença, — essas frestas bastam a constituir um edificio em cada um d'esses estylos, — renascença, gothico ou chinez!...

Debil moleirinha, e beatifica ignorancia!

Dentro em pouco os visinhos não de sentir os manes dos Boutacas aos trambulhões pelos telhados!

Mas elle, que se sente solidamente collado ao seu logar de director de obras publicas pelo visgo da protecção omnipotente, abusa... e abusa!

Vê-se bem que os esmeros da educação em menino não foram bastantes a amaciar-lhe as asperesas da indole; e ficou um pequenito despota, no biccio dos pés a desafiar os ventos!...

Ao viso-rei da India o governo de seu mano vae enviar 300 libras em oiro. Para divertimento do pequeno... achamos pouco.



Antonio José d'Almeida

Figura de illuminado pela fé, as suas altas qualidades de espirito e de character põem um tão vivo destaque no podre viver do nosso meio que a todos elle se impõe como um nobre exemplo de superioridade a seguir.

Uma vida inteira de sancta attiva, de generoso sacrificio e de quebrantavel dedicacão, dizem, bem melhor que todas as palavras, a estatura moral d'aquelle cujo retrato honra hoje as paginas do nosso jornal, e que, para a vida politica da Academia, — tão facilmente dominada, as vezes, pela odiosa indiferença de egoistas e de cobardes, criminosamente agachados na conveniencia e commodidade facil dos irresolutos — synthetisa, na sua personalidade impar, o agitado esforço d'essa geração de combatentes a que elle pertenceu, e que para a vida levou a consoladora, mas amarga missão, d'um apostolado de crença revolucionaria e ardente.

Os que com elle viveram os agitados annos da sua vida de lucta academica, os que, n'um mesmo esforço por um ideal a atingir, conheceram a rara alma de justo e de heroico que elle atirava, n'um ardor de anceado, para todas as horas em que se lhe queimava a vida, os que a seu lado temperaram as almas na abnegação e na pureza, todo esse punhado de rapazes que com elle aprenderam o credo ardido da revolta, guardaram do seu nome uma adoração tão funda, que quasi lhe cingiu em volta uma aureola de lenda.

Longe de nós, que temos agora o sagrado dever de continuar a sua obra, e cujo caminho, sem hesitações e sem desvios, nos está já indicado alli fóra, na rua, de espingarda nas mãos e odio no coração, dir-se-hia que o seu grande espirito nos domina ainda e nos guia, e que nos vem do seu exemplo a energia para a lucta em que elle deixou, n'um logar para sempre vazio, o brilhante prestigio do seu nome adorado.

E que aquelle extranho coração, couraçado de fé e temperado de vontade, não pulsava só dentro d'um peito para o egoismo d'uma vida; batia as suas pulsações generosas no seio anceado d'uma ideia, que é a nossa, e para a qual, n'uma necessidade de sacrificio, as nossas almas se voltam confiantes de justiça, sedentas de vingança.

Assim o amamos: — luctador e revoltado, honrado e bom; com elle sonhamos o grande sonho do resgate, e, na hora doce que vem perto, será ainda o seu puro coração que ha de viver no nosso peito.

Assim o amamos: — que toda a nossa dedicacão e o nosso esforço lhe continuem a obra justiceira, e que o seu nome nos seja sempre, como agora, uma religiosa crença a guardar e uma sagrada bandeira a defender.

Desabafo

N'um paiz pacato, boa pessoa, sem arrebatamentos de dignidade e com uma vergonhosa modéstia, modesta, que lhe permite o receber, encolhido, escarros e affrontas, sem córar, sem se metter nas altas cavallarias de protestar n'uma rebellião heroica, de se defender n'uma zaragata epica, com mortos e feridos pelas valléas e corpos de malandros, lividos, a balouçarem-se, lingua ao dependurão, nos candieiros; n'um paiz patusco de rufões, de prudentes como este que a Carta — que Deus haja! — e o Rei, — que o Diabo preserve! — para segurança propria, outorgaram dever ser a modalidade derradeira do velho stoicismo luzitano; n'um paiz d'estes, com gente d'esta, já não vale o indignar-se uma pessoa de bons costumes contra as patifarias gordas e magras, banaes ou phantastas, que, do ministerio do reino vem chovendo, n'uma chuva miudinha, de molha tolos, sobre a proverbial e, já gora, irremissivel poltronaria portugueza.

A gente não se indigna.

As vidas estão curtas para apoquentações, para enthusiasmos, que, em ultima analyse, não tenham coação segura, certissima, na Bolsa, que não repugnem nos apoquentados enthusiasmas o jurasinho medico d'uns dez por cento.

Mas, se não vale apoquentar, é licito ainda, a dentro de certos limites, apesar da dictadura, o desabafo espontaneo, quente, avermelhado, das almas que sentem, das consciencias que se revoltam.

O desabafo é livre, porque é emoliente, pacifico, inoffensivo, quando cifrado apenas, em parolas, em rhetoricas, em adjectivos.

E os outros, os desabafos á bala, a tiro, com zagalotes, com canhoneios, quem pensa n'elles n'este paiz ditoso de gente acicada, conselheiratica, prudente?...

Quem?... Só se fóra algum doido de cerebro escandecido, indisciplinado, pobre diabo crente n'uma ideia, apostolo d'um Principio, a caminho para Rilhafolles sob os apupos da população, e nanja eu, nanja nenhum de vocês, que todos nós, ajuisados conspicuos, respeitadores dos nossos chefes, carangos disciplinadinhos do pacifico batalhão republicano — especie de Irmandade do Santissimo — com revoluções aos domicilios — juramos bandeiras, ha muito tempo, no campo pardo do Senso Commum.

Mas desabafo.

Correcto, de boas maneiras, com dulcicas terminologias, com euphemismos emparrados, com cordura, com reflexão, com um freio na consciencia que talvez instasse — a pécora! — por demasias de mau tom entre gente da roda fina e com olhos fitos no Orçamento, que, ao fim de tudo, nos faz negaças do Terreiro do Paço.

Mas desabafo porque seria crime o callar o commentario cru d'este desbragamento reles, a que a voz do povo, o beneplacito da imprensa, a logica da infamia, a coherencia do desaforo, já deram fóros de bandalheira consummada: O João Franco não nomeia lente cathedratice da faculdade de direito,